



CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

JOSIANE MARIA MARTINS DE MELO CAMARGO

A IMPORTÂNCIA DO LIMITE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

**Apucarana
2019**

JOSIANE MARIA MARTINS DE MELO CAMARGO

A IMPORTÂNCIA DO LIMITE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia da Faculdade de Apucarana – FAP, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a. Sirley Biage Maldonado.

Apucarana
2019

JOSIANE MARIA MARTINS DE MELO CAMARGO

A IMPORTÂNCIA DO LIMITE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia da Faculdade de Apucarana – FAP, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia, com nota final igual a _____, conferida pela Banca Examinadora formada pelos professores:

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^a. Esp. Sirley Biage Maldonado.
Faculdade de Apucarana.

Prof^a. Me. Camilla Samira de Simoni
Bolonhezi.
Faculdade de Apucarana.

Prof^a. Me. Paula Tamyres Moya.
Faculdade de Apucarana.

Apucarana, ____ de _____ de 2019.

*Agradeço a Deus pela
oportunidade de viver, crescer e não
desistir.*

*A minha família pela atenção, apoio
e carinho, sempre...*

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus, por me abençoar e a minha família por me apoiar em toda essa trajetória, em especial ao meu esposo José Carlos de Camargo pela atenção, ajuda e apoio em todos os momentos e a minha filha Isabella Maria Melo de Camargo pelo companheirismo, amor e carinho de todos os dias, com muita paciência ao longo dessa jornada.

Agradeço a professora e orientadora Sirley Biage Maldonado, pelo apoio e motivação na realização de todas as etapas deste trabalho.

As professoras do curso, em especial a professora Marlene Mariotto, pois sem sua ajuda, não teria obtido o conhecimento necessário para a realização desse trabalho. Aos amigos do curso, pois juntos trilhamos uma etapa importante de nossas vidas.

Aos profissionais entrevistados, pela contribuição na realização deste estudo.

A todos que direta ou indiretamente colaboraram para a realização desse trabalho.

*“Se você permitir a indisciplina nas coisas
pequenas, provavelmente será
indisciplinado nas coisas grandes
também”.*

Warren Buffett

CAMARGO, Josiane Maria Martins de Melo. **A importância do limite na Educação Infantil.** 78 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia). Graduação em Pedagogia. Faculdade de Apucarana – FAP. Apucarana-Pr. 2019.

RESUMO

O presente trabalho aborda o tema “A importância de limites na Educação Infantil” e teve como objetivo pesquisar a existência deste problema nesta etapa da educação básica, identificando as necessidades de haver um bom relacionamento entre professor e aluno no ambiente escolar, buscando alternativas para a construção de limites na Educação Infantil. Inicialmente, foram levantadas por meio da pesquisa bibliográfica, causas e conceitos da falta de limites do aluno, em diversas áreas do conhecimento. A pesquisa prática foi realizada em duas instituições de ensino de pequeno porte, sendo, uma escola Privada, que atende até o fundamental II, localizada em uma cidade do Norte do Paraná. Realizou-se a pesquisa com professores da Educação Infantil, do Jardim I, Jardim II, Jardim III e duas turmas de 1º Ano. E em uma escola Pública de pequeno porte, na cidade do Norte do Paraná. Professores do Pré I, Pré II e uma turma de 1º Ano. Foi utilizado como instrumento de pesquisa, o questionário, para estudar de modo aprofundado sobre a Educação Infantil, o que são limites e a necessidade de haver limites no ambiente escolar. Sendo assim, a pesquisa é de caráter qualitativo e quantitativo. Contou com referenciais bibliográficos sobre a Educação Infantil, a importância do limite na Educação Infantil e a necessidade de haver limites no ambiente escolar. Os resultados indicam que os professores consideram a falta de limites, como um grande obstáculo no seu relacionamento com o aluno, e que este problema é decorrente da formação familiar do mesmo, sendo necessário tomar atitudes com carinho e firmeza, dentro e fora da sala de aula, num trabalho cooperativo, escola, aluno e comunidade. A Educação Infantil é uma proposta pedagógica aliada ao cuidar, formar e atender a criança de forma integral, respeitando suas características psicológica, emocional, cognitiva e física. O “Limite” como um espaço que deve ser respeitado, ou seja, uma demarcação que irá mostrar até onde se pode ir, esta noção será um veículo para o desenvolvimento do aluno seja, no aspecto físico, mental ou social, ajudando a criar soluções para a problemática recorrente nas práticas educativas atuais.

Palavras-chave: Limites. Educação. Educação Infantil.

CAMARGO, Josiane Maria Martins de Melo. **The importance of boundaries in child education.** 78 p. Work of conclusion of Course (monograph). Graduation in Pedagogy. College of Apucarana – FAP. Apucarana - Pr. 2019.

ABSTRACT

The present work approaches the subject of the importance of boundaries in childhood education, diagnosing of the existence of this problem, identifying the needs of a good relationship between the teacher and the school environment, and seeking alternatives for boundaries construction. Initially, the causes and concepts of the students' lack of boundaries were elicited using bibliographic research in several areas of knowledge. Afterward, the research was carried in two small education institutions located in a city in North of Paraná: the first a small private elementary and middle school (Fundamental II), and the second, one public elementary school. The research was carried with Kindergarten teachers (I, II and III) in the private institution and with teachers of the second establishment that work with groups of Pre-school (I, II) and the 1st year. It was used as the instrument of research one questionnaire to study in depth: childhood education, the definition of boundaries and its need in the environment. Therefore, the research has a qualitative character counting with bibliographical references on childhood education, the importance, and the necessity of boundaries in childhood education. The results indicate that the teachers consider the lack of boundaries as the major obstacle to their relationship with the students. This problem results from family development, being necessary to take attitudes with affection and firmness, inside and outside the classroom, in a cooperative effort between, school students and community. Childhood education is a pedagogical proposal allied to caring, to developing, and attending to a child in an integral form, respecting their psychological, emotional, cognitive and physical characteristics. Boundaries are a space that must be respected, in other words, a demarcation that shows how far is it possible to go – they are important as a vehicle for student development in the physical, mental, and social aspects. The matter of boundaries appears, then, as a recurrent problematic in current educational practices.

Keywords: Boundaries. Education. Childhood Education.

LISTAS DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – As causas para a falta de limites na Educação Infantil.....	51
Gráfico 2 – Regras de limites para os alunos.....	52
Gráfico 3 – Dificuldades para regras e normas.....	53
Gráfico 4 – Incentivo à construção de limites em sala de aula.....	54
Gráfico 5 – Trabalhar a auto-estima e respeito para com os professores e os colegas.....	55
Gráfico 6 – Atividades importantes para obter limite com os alunos.....	57
Gráfico 7 – Trabalho do orientador pedagógico juntamente com o coletivo, nas normas, regulamentos e regimentos para solucionar a falta de limite dos alunos.....	58

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Respostas dos professores em relação às intervenções aplicadas a falta de limites apresentada em sala de aula.....	50
Quadro 2 – Respostas dos professores sobre as ações do orientador pedagógico para solucionar a questão da falta de limites dos alunos.....	59

LISTA DE SIGLAS

BNCC Base Nacional Comum Curricular

CNE Conselho Nacional de Educação

CEB Câmara de Educação Básica

DCNEI Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil

EI Educação Infantil

FAP Faculdade de Apucarana

LDB Leis de Diretrizes de Bases

RCNEI Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
2	OBJETIVOS.....	15
2.1	Objetivo Geral.....	15
2.2	Objetivos Específicos.....	15
3	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	16
3.1	Educação Infantil.....	16
3.1.1	A Educação Infantil no contexto da Educação Básica.....	17
3.2	Limites na Educação Infantil.....	21
3.2.1	Conceito de Limites.....	21
3.2.2	Superar Limites	28
3.2.3	Trabalhando limites na Educação Básica.....	29
3.2.4	A moral na Educação Infantil.....	30
3.2.5	Limites ou Moral.....	31
3.3	Limites no Ambiente Escolar.....	32
3.4	As intervenções do trabalho docente na construção do limite na Educação Infantil.....	36
3.4.1	Atitudes do professor com relação falta de Limites	36
4	METODOLOGIA.....	47
4.1	Local da Pesquisa.....	47
4.2	Sujeitos da Pesquisa.....	47
4.3	Instrumento.....	48
4.4	Procedimento.....	48
5	ANÁLISE DE DADOS	49
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	61
	REFERÊNCIAS.....	62

APÊNDICES.....	73
APÊNDICE A - Instrumento de pesquisa para os professores.....	74
APÊNDICE B - Questionário de sondagem para os professores.....	76
ANEXO.....	77
ANEXO A - Termo de autorização institucional.....	78

1INTRODUÇÃO

O presente trabalho refere-se à importância do limite na Educação Infantil, no qual estudamos de modo aprofundado nessa pesquisa. O que é Limite na Educação Infantil e a sua necessidade no ambiente escolar, buscando assim alternativas para sua construção no espaço escolar analisando as diferentes intervenções do trabalho docente na construção deste.

A educação acompanha nossos primeiros passos criando, moldando e formando o cognitivo, transferidos de geração para geração, seja no âmbito familiar, escolar ou convivência social. Observada pelo lado técnico, é o processo contínuo de desenvolvimento das faculdades físicas, intelectuais e morais do ser humano, a fim de melhor se integrar na sociedade ou no seu próprio grupo.

Para tanto, este trabalho se divide em quatro capítulos: o primeiro capítulo apresenta uma proposta pedagógica aliada ao cuidar, procurando atender a criança de forma integral, onde suas características (psicológica, emocional, cognitiva e física), devem ser respeitadas; o segundo, o que são Limites? “Limite” como algo que deve ser respeitado, ou seja, uma demarcação que irá mostrar até onde se pode ir; o terceiro, a necessidade de haver limites no ambiente escolar, buscando assim, alternativas para a sua construção no espaço da Educação Infantil e o quarto, uma análise dos dados coletados do questionário que foi realizado com nove professores da Educação Infantil, nas diferentes intervenções do trabalho docente na construção de limites com os docentes.

Para Aquino (1996) a falta de limites na escola traduz-se por atitudes como bagunça, mau comportamento e desrespeito à figura de autoridade. Neste mesmo período, Rego (1996) ressalta que enquanto os educadores costumam apontar a família como único responsável pela falta de limites, os pais afirmam que são os professores que não têm autoridade para com as crianças.

Esta tem a seguinte problemática: quais os caminhos a seguir para a construção de limites na Educação Infantil? Como compreender os caminhos teóricos e metodológicos para o trabalho pedagógico?

Para compreender a problemática da falta de limites na Educação Infantil, buscamos as intervenções realizadas pelos docentes em seu trabalho na Educação

Infantil. Essa compreensão foi possível, por meio da pesquisa empírica, de caráter qualitativo e quantitativo, e referenciais bibliográficos sobre o assunto.

Podemos observar que com o passar dos tempos, houve mudanças como; o aumento de mulheres ingressando no mercado de trabalho, a evolução tecnológica e outros fatores, afetaram e originaram de várias maneiras, quase sempre imperceptível, a falta de limites nas crianças. Um grande problema que nasce no ambiente familiar e acompanhará a criança no ambiente escolar.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Compreender os caminhos teóricos e metodológicos na construção de limites, na Educação Infantil com crianças de 3 a 5 anos.

2.2 Objetivos Específicos

- ✓ Estudar de modo aprofundado sobre a Educação Infantil, o que são limites e a necessidade de haver limites no ambiente escolar;
- ✓ Buscar alternativas para a construção de limites no espaço da educação infantil;
- ✓ Analisar as diferentes intervenções do trabalho docente na construção de limites com crianças da Educação Infantil.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 Educação Infantil

A Educação Infantil é a primeira etapa da Educação Básica, é a única que está vinculada a uma idade própria, atende crianças de zero a três anos na creche e de quatro e cinco anos na pré-escola. Tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade como menciona a LDB, em seu art. 29. (BRASIL, 1996).

A Educação Infantil, que até a década de 80, não era considerada como um fator nos problemas sociais passa, com a Constituição de 1988, a ser ofertada como dever do Estado em instituições próprias, tendo seu início com crianças de 0 a 3 anos na creche, e de 4 a 5 anos na pré-escola. A partir da modificação introduzida na LDB em 2006, o acesso ao Ensino Fundamental é antecipado para os 6 anos de idade. Ampliando de forma conjunta o círculo de relações da criança, que até então era restrito à família e a pequenos grupos, descobrindo e se descobrindo em um novo ambiente, numa etapa onde a formação é fundamental no seu processo de evolução física e intelectual. (BRASIL, 1996). Embora reconhecida como direito de todas as crianças e dever do Estado, a Educação Infantil passa a ser obrigatória para crianças de 4 e 5 anos, apenas com a Emenda Constitucional nº 59/2009, que determina a obrigatoriedade da Educação Básica dos 4 aos 17 anos. Essa extensão da obrigatoriedade é incluída na LDB em 2013, consagrando plenamente a obrigatoriedade de matrícula de todas as crianças de 4 e 5 anos em instituições de Educação Infantil (BRASIL, 2019).

Garantida como um direito humano e social de todas as crianças até cinco anos de idade, sem distinção decorrente de origem geográfica, (cor da pele, traços de rosto e cabelo), da etnia, nacionalidade, sexo, de deficiência física ou mental, nível socioeconômico ou classe social, a Educação Infantil também não está atrelada à situação trabalhista dos pais nem ao nível de instrução, religião, opinião política ou orientação sexual (BRASIL, 2019).

O Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (RCNEI) (BRASIL,1998, p.13), especifica os vários aspectos a serem contemplados, dentre eles o brincar e considera que:

A qualidade das experiências oferecidas que podem contribuir para o exercício da cidadania, respeitando-se as especificidades afetivas, emocionais, sociais e cognitivas das crianças de zero a seis anos, devem estar embasadas nos seguintes princípios: O respeito à dignidade e aos direitos das crianças, consideradas nas suas diferenças individuais, sociais, econômicas, culturais, étnicas, religiosas, etc.;O direito das crianças a brincar, como forma particular de expressão, pensamento, interação e comunicação infantil; O acesso das crianças aos bens sócios culturais disponíveis, ampliando o desenvolvimento das capacidades relativas à expressão, à comunicação, à interação, ao pensamento, à ética e à ciência. A socialização das crianças por meio de sua participação e inserção nas mais diversificadas práticas sociais, sem discriminação de espécie alguma; O atendimento aos cuidados essenciais associados à sobrevivência e ao desenvolvimento de sua identidade.

Sendo assim, o RCNEI demonstra ser um avanço na Educação Infantil, buscando soluções educativas, respeitando a dignidade e os direitos da criança, promovendo assim práticas sociais sem discriminação.

3.1.1 A Educação Infantil no contexto da Educação Básica

Como primeira etapa da Educação Básica, a Educação Infantil é o início e o fundamento do processo educacional. A entrada na creche ou na pré-escola significa, na maioria das vezes, a primeira separação das crianças dos seus vínculos afetivos familiares para se incorporarem a uma situação de socialização estruturada.

Podemos observar atualmente a concepção ligada ao fator educar e cuidar, dentro da Educação Infantil, que se consolida entendendo o cuidado como algo indissociável do processo educativo. Nesse contexto, as creches e pré-escolas, ao acolher as vivências e os conhecimentos construídos pelas crianças no ambiente da família e no contexto de sua comunidade, e articulá-los em suas propostas pedagógicas, têm o objetivo de ampliar o universo de experiências, conhecimentos e habilidades dessas crianças, diversificando e consolidando novas aprendizagens, atuando de maneira complementar a educação familiar – especialmente quando se trata da educação dos bebês e das crianças bem pequenas, que envolve

aprendizagens muito próximas aos dois contextos (familiar e escolar), como a socialização, a autonomia e a comunicação.

Nessa direção, e para potencializar as aprendizagens e o desenvolvimento das crianças, a prática do diálogo e o compartilhamento de responsabilidades entre a instituição de Educação Infantil e a família são essenciais. Além disso, a instituição precisa conhecer e trabalhar com as culturas plurais, dialogando com a riqueza/diversidade cultural das famílias e da comunidade.

As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI, Resolução CNE/CEB nº 5/2009), em seu Artigo 4º, definem a criança como:

[...] Sujeito histórico e de direitos, que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (CARVALHO, 2015, p. 12).

De acordo com as DCNEI em seu Artigo 9º, os eixos estruturantes das práticas pedagógicas dessa etapa da Educação Básica são as interações e as brincadeiras, experiências nas quais as crianças podem construir e apropriar-se de conhecimentos por meio de suas ações e interações com seus pares e com os adultos, o que possibilita aprendizagens, desenvolvimento e socialização (CARVALHO, 2015).

Segundo Rodrigues e Saheb (2015) o trabalho de educar e cuidar são tarefas fundamentais no processo do atendimento às crianças, em jornada diurna, de tempo parcial ou integral por meio de práticas pedagógicas, devidamente planejadas, organizadas e avaliadas em um projeto elaborado em conjunto democraticamente com a participação da comunidade escolar e desenvolvido por professores habilitados. Pois, neste processo de descobrimentos múltiplos e, principalmente quando se refere ao descobrir-se, é fundamental o contato com diversos tipos de materiais, isto auxilia e incentiva a familiarização com o grupo.

Vieira (2017) narra que essa fase escolar, faz parte de um período riquíssimo para o desenvolvimento humano. Cada nova experiência que elas encaram no ambiente traz uma série de descobertas diárias, e a curiosidade é algo

nato da criança, e por isso que o trabalho educacional é extremamente importante e ajuda a definir o futuro desenvolvimento da criança.

O terceiro saber de Morin (2001) *apud* Rodrigues e Sahed (2015) se refere à condição humana na formação do pedagogo, demonstra a importância de uma boa preparação dos professores, pois esses profissionais são os responsáveis por todos os outros níveis de ensino. Desta forma capacitando de forma diferenciada esses formadores, será possível uma transformação positiva em todo o processo educativo, onde atuam esses profissionais, ainda há necessidade de mudança na prática docente e que essa reestruturação, tenha que partir da formação dos professores que irão atuar em diferentes níveis de ensino, pois só assim será possível alcançar a tão almejada mudança na educação.

Segundo o RCNEI - Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL,1998) *apud* Rodrigues e Sahed (2015) estudos apontam que a maioria dos profissionais que atuam na (EI) não possui formação adequada. Assim, faz-se necessária a possibilidade de atualização profissional e uma nova formação que corresponda às demandas atuais, pois se acredita na necessidade de uma formação mais abrangente e unificadora (BRASIL, 1998).

Cabe destacar que ser professor não é apenas obter diplomas e uma gama de técnicas, é necessário que se obtenha uma formação reflexiva. Como afirmam Nóvoa *et al* (1995, p.25):

A formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re) construção permanente de uma identidade pessoal. Por isso é tão importante investir na pessoa e dar um estatuto ao saber da experiência. (NÓVOA,1995, p. 25).

Segundo La Taille (1992) *apud* Mello e Rubio (2013), Jean Piaget (1896-1980) foi um dos primeiros autores que questionou as teorias sobre a afetividade e a cognição como aspectos funcionais separados. Para Jean Piaget, “o desenvolvimento intelectual é considerado como tendo dois componentes: o cognitivo e o afetivo”. O Desenvolvimento intelectual está associado ao afetivo. Afeto inclui sentimentos, interesses, desejos, tendências, valores e emoções em geral. Conforme Piaget *et al* (1995, p.37) “elas seguem juntas na formação do indivíduo, a

afetividade e o intelectual estão ligados no mesmo sentido. A afetividade estimula e contribui para a inteligência, onde o indivíduo elabora e realiza seus objetivos”.

De acordo com Paula e Faria (2010) educar não significa apenas repassar informações ou mostrar um caminho a trilhar, que o professor julga ser o certo, educar é ajudar o aluno a tomar consciência de si mesmo, dos outros, da sociedade em que vive e o seu papel dentro dela, pois o indivíduo necessita se socializar, e para isto é necessário saber aceitar-se como pessoa, e principalmente aceitar ao outro com seus defeitos e qualidades.

Muitos autores vêm, ao longo da história, defendendo que o afeto é indispensável para o ato de ensinar, pois o afeto aproxima, gera confiança e melhor compreensão na relação. Alves (2000, p. 5) enfatiza que o professor, aquele que ensina com alegria, que ama sua profissão, não morre jamais. Ele diz: “Ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra. O professor, assim, não morre jamais (...)”.

Recusani (2018) frisa que a afetividade é um conjunto de fenômenos experimentados e vivenciados na forma de emoções, sentimentos e paixões. É essencial, portanto, que o professor estabeleça um vínculo afetivo com seu aluno, pois assim a relação entre ambos ganhará em confiança, uma vez que aprendemos através de nossas atitudes, e nesta relação afetiva poderemos com mais facilidade solucionar problemas.

Para Mello e Rubio (2013) os pequenos gestos como sorrir, escutar, refletir, respeitar são, entre tantos outros, necessidades que levam o sujeito a investir na afetividade, que é o “combustível” necessário para a adaptação, é um processo fundamental dentro da Educação infantil, isto enriquecerá e trará confiança, pois a relação do professor com os alunos tem que ser constante, dá-se o tempo todo, na sala, durante as atividades, no pátio e por essa proximidade afetiva é que ocorre interação com objetos e a construção do conhecimento.

3.2 Limites na Educação Infantil

3.2.1 Conceito de Limites

Holanda (1987) cita que são vários significados de limites, alguns deles são: demarcar, restringir, marcar, não passar além de (...), não se exceder, contentar-se e muitos outros em vários contextos.

Segundo o psicólogo Yves de La Taille (2002) *apud* Specht (2015, p. 12):

Limite remete à idéia de fronteira, de linha que separa territórios. Se existe um limite, é por que há pelo menos dois continentes, concretos ou abstratos, separados por essa fronteira. O limite de meu jardim está ali significa dizer que, além dele, há algo que não é mais meu jardim. Atingi o limite de idade significa dizer que, atingida essa idade, há coisa que não posso ou não me deixam mais fazer. Os dois exemplos nos remetem à idéia de restrição: o lado de lá do limite é negativo, o que não é meu, o que não posso fazer. Entendido assim, o limite se referiria apenas a um horizonte intransponível. Porém, a idéia de fronteira remete-nos também à ação de transpor, de ir além. Aquilo que hoje me limita pode ser ultrapassado amanhã [...].

Specht (2015) narra que muito se fala atualmente em torno da questão de limites na sociedade de forma geral. Quanto à educação de crianças, suas ações e atitudes, essa temática é ainda mais evidenciada, tornando-se tema de reuniões, palestras, artigos e demais outros estudos.

Specht (2015) realça a necessidade de entender um pouco mais sobre esse assunto nos leva à busca do significado da palavra “limites” e o que ela quer dizer? La Taille (2002) *apud* Specht (2015) deixa claro a ideia de “Limite” como algo que deve ser respeitado, a noção de espaço que posso ocupar, até onde posso ir. Porém, aborda também a ideia de limite como algo que deva ser transposto, alcançado e vencido, como uma etapa a ser superada.

O autor frisa que quando ouvimos essa expressão “limites”, percebe-se na maioria das vezes, que é utilizada como sentido de restrição, de limitação. É muito comum ouvirmos, “essa criança não tem limites ou faz o que bem quer”, esses questionamentos e muitos outros são feitos a todo o momento, a maneira como os pais aceitam, e até são coniventes com a falta de limites dos filhos.

É fato que as famílias de hoje estão configuradas de forma mais aberta sem a rigidez dos papéis de antigamente, porém, o medo dos pais de repetir uma educação repressora que receberam domina, fazendo com que, no extremo oposto, passem do não poder nada para o poder tudo contemporâneo. (SOUZA, 2009, p. 149).

Spazzapan (2017) salienta que a criança precisa conhecer o amor, o respeito, a amizade e a consideração dos pais, mas também os limites que ela tem que respeitar para tornar-se um ser humano apto para a vida em sociedade. Isto são valores, que irão fazer os filhos crescerem intelectualmente. Precisamos respeitar os nossos filhos, dar ouvidos às suas opiniões, não podemos provocar uma inversão na ordem das gerações, esta é uma das piores coisas que podemos fazer aos nossos filhos.

Souza (2009) *apud* Specht (2015) realça que em relação a estas mudanças no ambiente familiar, na forma de agir dos pais e conseqüentemente de seus filhos, é possível pensar e discutir sobre uma variedade de assuntos. Nas formas de ser pai e de ser filho nos dias atuais, como salienta Kehl (2007) que complementa o pensamento de Souza:

Isso significa que a vaga de adulto, na nossa cultura, está desocupada. Ninguém quer estar do lado de lá, do lado careta, do conflito de gerações, de modo que o tal conflito, bem ou mal, se dissipou. Mães e pais dançam rock, funk e reggae com seus filhos, fazem comentários cúmplices sobre sexo e drogas, frequentemente posicionam-se do lado da transgressão nos conflitos com a escola e com as instituições. (KEHL, 2009, p. 11-12).

Tudo o que se referia às crianças e à família se tornara um assunto sério e digno de atenção. Não apenas o futuro da criança, mas também sua simples presença e existência eram dignas de preocupação – a criança havia assumido um lugar central dentro da família. (ARIÈS, 1981 *apud* PRISZKULNIK, 2004, p. 164).

Segundo Biazoli (1995) *apud* Caldana (1998) esta preocupação com a criança, na maioria das vezes em excesso e particularmente pelo fato de serem pais ausentes, divididos entre trabalhos, compromissos, vem contribuir com a formação dos pais que buscam compensar o tempo que não tem para os filhos, permitindo aos filhos em suas brincadeiras, atividades com peso e relações que não são competentes com a idade ou o nível da criança, sem perceber o exagero e o

excesso nas atitudes dos filhos, e sem que percebam, com o tempo irão dando aos mesmos a ideia de que tudo é permitido, sem limites ou restrições.

Para Biazoli (1995) *apud* Caldana (1998) os pais atualmente agem de forma branda, mais preocupados com exigências com relação aos hábitos de higiene, escola e brincadeiras ligadas a sexualidade, quando restringe, quase nunca faz de forma punitiva.

Os pais acreditam ter controle sobre o desenvolvimento de autoritarismo da criança, de querer, insistir e nesta forma persistente conseguir o que desejava. E muitas vezes relacionando o modo imperativo dos filhos a um problema emocional, que poderia gerar um problema psicológico. Tal descrição sugere a assimilação de um ideário antiautoritário, permeado por ideias ligadas à Psicologia e Psicanálise, compondo uma prática centralizada na criança (BIAZOLI, 1995).

Estão também de acordo com uma vertente dos estudos sobre as transformações nas relações familiares ocorridas com a transição de um ideário chamado "tradicional" para o "moderno", fruto de um processo de modernização econômica e sócio cultural que teria acarretado entre nós uma mudança, muito acelerada de valores principalmente a partir da segunda metade deste século (RIBEIRO; RIBEIRO, 1993).

Stengel (2011) salienta que em relação à identidade, a família tradicional e a pós-moderna distinguem seus modelos e padrões, diferenciados a cada um dos membros. Na primeira, os modelos pautavam-se em valores e padrões de comportamentos relativamente estáveis, passados de geração a geração. Na segunda, há uma indefinição e ausência de modelos fixos. Há a coexistência de valores e padrões de comportamentos tradicionais e novos, portanto, muitas vezes, contraditórios.

Esses estudos lançam mão de uma interessante associação entre conhecimentos advindos da Antropologia, da Psicologia e da Psicanálise para tornar compreensíveis as incongruências e diversidades de padrões adotados pelos pais. Em primeiro lugar, eles consideram que a própria rapidez do processo levou à inexistência de referenciais pessoais de orientação de condutas claras e definidas. (FIGUEIRA, 1987, p.89).

Caldana (1998) com base nos autores Figueira (1985; 1987); Nicolaci-da-Costa (1985; 1989) e Velho (*apud* FIGUEIRA, 1985) destaca que além disso a alteração teria como consequência o surgimento de conflitos, conscientes ou não. Entre os valores assimilados em etapas precoces da vida, no convívio com a família e aqueles assumidos ao longo da juventude e da vida adulta no contato extra familiar.

O tempo passa, a vida evolui e com a evolução tudo se renova e de forma automática com relação à modernidade, desta forma, descartamos muitas coisas e com isto perdemos o referencial de valores que antes eram importantes, dando lugar a novos métodos e costumes, que irão interferir no desenvolvimento disciplinar dos filhos, Caldana (1998) baseou essa ideia em Berman (1987), Romanelli (1987) e Gagnebin (1989).

Em relação a valores, outro aspecto ainda pode ser acrescentado, a veiculação intensa, pela mídia, de conhecimentos oriundos da Psicologia, Psicanálise e Pedagogia, uma veiculação cuja qualidade e possibilidade de assimilação são questionáveis (CALDANA, 1991; ZAGURY, 1997), vistos como saberes presumivelmente detentores do conhecimento das formas corretas de se educar uma criança e por tal, desqualificadores de antemão dos próprios pais. (CALDANA, 1998).

Em um artigo veiculado pela Revista Cláudia, Gikovate (1989) - um médico psiquiatra - faz descrição semelhante desta transformação, mas ao contrário de Coralina (1984) assume uma postura bastante crítica:

Com medo de traumatizar as crianças, estamos criando uma geração que acredita que aos pais cabe o dever de tudo dar e, e aos filhos o direito de receber tudo.(...) De repente, ficamos com medo de educar. Preferimos errar por omissão a agir com excessivo rigor e provocar marcas definitivas. Nos acovardamos e perdemos a confiança em nossas ideias(...). Sem que nos apercebêssemos, estávamos fazendo uma inversão de 180 graus em relação ao padrão anterior de educação(...) antes as crianças morriam de medo de perder o amor dos pais; hoje, são os pais que têm medo de perder o afeto dos filhos(...). (GIKOVATE, 1989,p. 182).

Vemos de certa forma exagerada o frequente pensamento, de que é preciso sempre reinventar a forma de educar um filho e fazê-lo para cada qual de forma particularizada, deixando de lado a busca de apoio das experiências anteriores, as

gerações mais antigas, nem as do próprio passado, na busca de superar os modelos e padrões anteriores, impulsionados dentro de um saber psicológico, que gera a preocupação de que se não modernizar, poderia acarretar problemas emocionais nos filhos (CALDANA, 1998).

Não são os filhos que nos devem. São os pais que devem a eles. Estatuto do passado. Resquício do Pater Famílias do Direito Romano - o Pai tem todos os direitos e os filhos todos os deveres. Assim era, assim foi. Hoje, sem precisar leis, nem decretos, nem códigos, pela força da evolução humana, através dos séculos, vencendo resistências, abrogando artigos e parágrafos, se fez o inverso. O Pai tem todos os deveres e os filhos todos os direitos. Princípio de justiça incontestado pelos próprios pais e juizes destes tempos novos. (CORALINA, 1984, p.127).

Coralina (1984) *apud* Caldana (1995) salienta que é assim que na poesia Pai e Filho, Coralina (1984) descreve de forma precisa o sentido das transformações ocorridas nas relações pais e filhos em nosso século. E aos olhos da poetisa - que viveu a infância no início do século – a situação atual é vista de forma positiva: "Nego o amor dos pais do passado, salvante exceções," é o verso com que adentra a segunda parte de seu poema em que descreve os sofrimentos, castigos e humilhações a que a criança era submetida naqueles "tempos antigos, situações que "de resto" ela prefere "não esmiuçar".

Palhares (2018) questiona qual o limite entre proteção e controle em família? Para a psicóloga Maria Beatriz Cytrynowicz (2018) muitos pais têm dificuldade de entender essa diferença e acabam prejudicando os filhos. Em seu livro "Criança e Infância: Fundamentos Existenciais, Clínica e Orientações", ela aborda os riscos da superproteção na infância. Segundo Cytrynowicz (2018) os pais têm a "ilusão" de que podem livrar seus filhos de experiências negativas e dos sentimentos de ameaça e, com isso, afetam o desenvolvimento das crianças.

Um outro depoimento, Snyders e Lima (1984, p.15-16) em seu belíssimo livro cujo sugestivo título é "Não é Fácil Amar Nossos Filhos", retrata de forma eloqüente o resultado, ao nível das vivências dos pais, desta inversão apontada por tanto por Gikovate (1989) quanto por Coralina (1984):

Serei eu capaz de o amar bem? Está bem, sim, amo-o; mas é porque o amo que não consigo amá-lo. Desejo tanto que ele seja feliz; uma criança é feita para ser feliz. Sonho que as provas por que tem de

passar sejam doces para ele, que eu possa amaciar-lhas - e não consigo; quero mal a mim próprio, quero-lhe mal a ele por não conseguir ser feliz comigo; graças a mim(...). Inquietações, responsabilidades, e estas responsabilidades são tanto mais pesadas para mim quanto mais me repetem, de todos os lados, que são pesadas, que se meus filhos estagnarem, ou se desviarem, será porque não soubemos criar a atmosfera familiar que lhes teria sido favorável. (CALDANA, 1995, p.110).

Ainda segundo Palhares (2018) a superproteção sempre esteve presente nas formas dos pais tentarem garantir segurança, evitando angustia e fracassos dos filhos, promovendo sempre de forma positiva, experiências na vida de seus filhos. A preocupação com o futuro desconhecidos dos filhos, acaba por se transformar, em certo liberalismo, cuidando com excesso de preocupação das frustrações, que poderão advir no crescimento dos filhos.

Caldana (1995) *apud* Zagury (1997) em um livro de muito sucesso dirigido a pais faz análise semelhante, como o próprio título anuncia. Sem Padecer no Paraíso, em Defesa dos Pais ou sobre a Tirania dos Filhos. Nele, além de defender a ideia de que a educação dos filhos é uma tarefa que vem se tornando cada vez mais difícil, pois os papéis se inverteram, os pais se tornaram omissos, e numa atitude de superproteção, se tornaram escravos dos filhos, isto tudo decorrente de uma difusão maciça informações sobre Educação Infantil, vinculadas principalmente à pedagogia, psicologia e psicanálise. Embora admita que contribuam para esta situação um conjunto complexo de fatores.

Zagury (1997) considera que estas informações confundiriam os pais por levá-los a uma postura excessivamente liberal, marcada pela preocupação em não frustrar (tornado equivalente de traumatizar), e pelo concomitante despertar do sentimento de culpa nos momentos em que procuram impor limites aos filhos.

De acordo com Palhares (2018) os pais lidam com dificuldades e limitações, como se fossem sinais de fraqueza, e com isso na tentativa de eliminar frustrações na vida dos filhos, pecam pela superproteção. Muitas vezes os pais confundem a proteção que é tão necessária para a criança, com a superproteção. O excessivo controle leva a incapacidade e insegurança da criança em lidar com a vida. A insegurança da criança gera num círculo vicioso a insegurança dos pais, a superproteção, bloqueia a capacidade dos filhos em lidar com as frustrações, com os problemas pessoais, o descontrole das atitudes nas crianças, nasce a partir do

momento em que ela bloqueada pela superproteção não é capaz de lidar com seus problemas.

Palhares (2018) salienta que os pais por meio de um não, podem colaborar e muito para a autonomia da criança, na busca de soluções, ajudá-la a lidar com alternativas, que há outros caminhos a encontrar, e que isto não deverá frustrá-la. A falta de limites no que deseja a criança, é um fator negativo para o desenvolvimento de sua autonomia. O adulto precisa saber manter a posição de autoridade afetiva, quanto ao atendimento dos pedidos da criança.

Para Caldana (1998) na busca da aproximação dos filhos, e de sentir que os conquistamos, dentro de um ideário moderno, aliada a preocupação com a felicidade da criança, faz com que a noção de limites seja ignorada.

Segundo Figueira (1987), o processo de modernização é o grande responsável pela falta de limites das crianças, pois se percebem a grande diferença nos padrões das famílias, modernas em que segue a linha permissiva, enquanto na tradicional os filhos obedecem a uma linha uma posição, ou seja, a autoridade dos pais.

Todos tendem a ser definido a partir de sua posição, sexo e idade. Há várias ideias em torno do que é “certo” e “errado” e há vários mecanismos dentro e fora dos sujeitos para tentar suprimir ou controlar as varias formas de desvio do comportamento (...). As regras emanam de uma autoridade exterior ao sujeito (...) determinandode fora o que ele deve fazer, (...) e definem o conteúdo do comportamento que tende a ser relativamente fixo. (FIGUEIRA, 1987, p. 15-26).

Figueira (1987) salienta que a família igualitária, ou moderna, é definida como aquela em que seus membros podem ser iguais como indivíduos, e ao mesmo tempo diferentes, de características distintas.

[...] As noções bem delineadas de “certo” e “errado” perdem suas fronteiras, a noção de desvio de comportamento, pensamento ou desejo perde clareza, e instaura-se, aparentemente, o reino da pluralidade de escolhas, que só são limitadas pelo respeito à individualidade do outro. (FIGUEIRA, 1987, p. 15-26).

O autor acima frisa ainda que a autonomia é o fator que regula as relações entre as pessoas, o auto-desenvolvimento entre os outros deixando ao indivíduo o direito de opção.

3.2.2 Superar Limites

Além da questão restritiva, é importante na educação das crianças a ideia de ampliar horizontes, a possibilidade de transpor limites.

La Taille (1999) *apud* Araújo (2007) aponta outra dimensão de limites como fronteira a ser ultrapassada. Para ele, limite significaria ainda, aquilo que pode ou que deve ser transposto pela criança para atingir a maturidade e a excelência. A concepção de transpor limites se refere a romper fronteiras em todos os sentidos, no desenvolvimento do ser humano, vemos que a fase infância, não se encerra por si, e sim uma fase que transpomos, e que teve início na pequena criança, desde seus movimentos, na descoberta e evolução a cada limitação vencida, no passo a passo.

A concepção de transpor limites como crescimento no plano moral é descrito por Dolto (1998) *apud* Araújo (2007) para a autora existe um segundo cordão umbilical que deve se romper que é o vínculo moral, tornando a criança capaz de ser senhora de seus atos e agir com uma consciência livre, sem ter que se balizar apenas no juízo alheio. À medida que a criança consegue respeitar o outro e as regras de forma autônoma, ela atinge a maturidade.

La Taille (1999) *apud* Araújo (2007) frisa que ir além do que parecia ser a capacidade, ampliar possibilidades, criar abertura para novos horizontes, é o que necessita toda criança, para o desenvolvimento emocional, a educação vai além do impor limites. A criança sente a necessidade de crescer, deixar de ser criança, e a superação de limites, contribui para a formação do indivíduo que respeita e disciplina.

Dolto (1998) *apud* Araújo (2007) narra que a educação dos pais tem um papel de estimular comportamentos ativos e ricos em si mesmos de forma a gerar satisfação para a criança. A autora destaca a importância do papel da educação na colaboração com a vida, desenvolvendo o espírito e o corpo.

Segundo La Taille (1999) *apud* Araújo (2007) a criança aprende a romper limites através da brincadeira. Estas Práticas educativas acabariam reforçando a sua motivação mais primitiva e o egocentrismo, restringindo os horizontes e desestimulando a criança a buscar a excelência. Ou seja, muitas vezes o que ocorre é que se aproxima a cultura da criança, ao invés de aproximar a criança à cultura.

As restrições para o autor devem ser pensadas em função da felicidade e do bem-estar do indivíduo e dos outros membros da sociedade. Neste sentido, a relação limites-educação é possível e realizável.

3.2.3 Trabalhando limites na Educação Básica

A criação de um ambiente sócio moral na pré-escola é proposto segundo Devries e Zam, em seu livro: *A Ética na Educação Infantil* (1998). Onde vemos que Piaget (1932/1965) salienta a indissociabilidade do desenvolvimento intelectual, social, moral e afetivo.

Vinha (1999) *apud* Devries e Zam (2018) concentra seu trabalho sobre o ambiente sócio-moral e desenvolvimento sócio-moral da criança em três paralelos na teoria de desenvolvimento sócio-moral e cognitivo de Piaget. O primeiro paralelo é que, da mesma forma em que o conhecimento do mundo físico é construído pela criança, assim também deve ser construído o conhecimento psicossocial. Isto é, o pensamento sócio-moral e o entendimento sócio-moral em ação passam por transformações qualitativas. O segundo paralelo é que, assim como o afeto é um elemento motivacional indissociável no desenvolvimento intelectual, os vínculos sócio-afetivos (ou a falta desses) motivam o desenvolvimento social e moral. O terceiro paralelo é que um processo de equilíbrio (ou auto-regulação) pode ser descrito tanto para o desenvolvimento social e moral, quanto para o cognitivo.

Dias (2005) narra que as experiências interativas, não se desenvolvem na criança independentemente, mas desenvolvem-se mediante as relações práticas e verbais, que existem entre elas e as pessoas que as rodeiam, é um erro ensinar a criança a aprender com a punição, ou recompensá-la por uma atitude exemplar. Quando o objetivo específico de cada experiência é definir, delimitar e refletir com a criança determinadas noções, capacidades, hábitos e valores, dizemos que estamos diante de uma atividade de educação moral.

Com “auto regulação”, Piaget demonstra que o desenvolvimento intelectual passa pelo desenvolvimento sócio-moral, o ambiente sócio-moral é construído a partir das ações e reações do adulto para com a criança. As crianças constroem seu senso moral a partir das experiências da vida cotidiana. Ao ingressarem na pré-

escola, logo enfrentam questões morais próprias do contexto em que vivem (DEVRIES; ZAM, 2019).

3.2.4 A moral na Educação Infantil

Para Vinha (1999) há muita incoerência entre o objetivo e os instrumentos utilizados para atingir esse objetivo. Se o objetivo é formar um ser humano autônomo, criativo etc., a sala tem que ter um ambiente em que tudo isso seja possível de acontecer. Para a criança, a construção da inteligência se dá a partir da interação com o meio. O mesmo vale para a moralidade. A construção dos valores, o desenvolvimento moral, se dá a partir da interação da criança com pessoas e situações.

Dias (2005) salienta que a reflexão moral não é algo que se encerra em si mesma. A reflexão que a pessoa faz sobre determinada situação, acontecimento ou fenômeno, também pode ser condicionada, em grau variado pelas condições objetivas e subjetivas a que cada indivíduo está exposto. Requer uma análise das relações e das experiências vividas pelo indivíduo no decorrer de sua vida.

Segundo Vinha (1999) a moralidade não deve ser ensinada por sermões e sim nos exemplos das pequenas experiências diárias, em cada oportunidade que a criança tem de se relacionar com o outro. A conduta dos adultos deve ser sincera, e objetiva perante aos filhos, pois a criança absorve e repete nossas atitudes, se agimos com atitudes sem moral, as crianças irão se espelhar nesta ação. Atitudes como aquelas, de que uma mentirinha às vezes faz bem, não convém nas relações com os filhos.

Conforme salientam Oliveira e Caldana (2004) como umas das consequências deste cenário, Paggi e Guareschi (2004) descrevem a queda da autoridade parental e a prevalência de relações mais permissivas entre adultos e crianças. A questão dos limites surge, então, como uma problemática recorrente nas práticas educativas atuais.

Vinha (1999) frisa ainda que o valor na moralidade infantil, ou seja, as considerações de mentira grave ou não para a criança é totalmente diferente dos

adultos. Uma mentira grave para a criança é aquela que na sua concepção é uma mentira difícil de acreditar, algo muito exagerado. Por outro lado, mentir com atos que podem ser realizados não se caracteriza como mentira grave na visão da criança.

A autora descreve que com o passar do tempo, a criança percebe que as regras existem para serem seguidas, e a importância delas nos que diz respeito a nossos comportamentos, as compensações, por agirmos dentro delas e a punição pelo não cumprimento delas. A importância na compreensão do agir, aceitar e conviver dentro dessas regras irá contribuir no crescimento da criança dentro do convívio social.

3.2.5 Limites ou Moral

Para Araujo e Sperb (2009) os padrões antigos de educação, são questionados hoje, em função do avanço na presença das mulheres no mercado de trabalho, afastando-as do ambiente familiar, alterando de forma significativa as práticas educacionais na família.

Wagner, Predebon e Falcke (2005) salientam que novos padrões, valores e modelos de relação são estabelecidos entre pais e filhos, na expectativa dos ideais sociais. A democracia ganha importância na relação entre pais e filhos, o relacionamento entre ambos, não é mais pautado por práticas autoritárias.

De acordo com Araujo e Sperb (2009) é de suma importância nos dias atuais, estabelecer limites no desenvolvimento infantil, dentro da educação. As autoras salientam três dimensões da palavra limites: transpor limites para alcançar a maturidade, respeitá-los em favor da moralidade e, por último, a ideia de construir limites que permitam a preservação da intimidade.

Nestas três dimensões destacam a importância da moralidade, do que a própria definição de limites, que mostra o que é proibido ou permitido, dentro do padrão de obediências, regras e normas.

La Taille (2001) salienta ainda que, a moralidade, é o respeito, ao direito alheio, a socialização é construída quando compreendemos e respeitamos opiniões.

A capacidade da criança se socializar e conviver bem com os demais, implica diretamente na construção de limites.

3.3 Limites no Ambiente Escolar

A falta de limites na Educação Infantil gera vários fatores negativos na vida da criança, uma questão que precisa ser observada no ambiente escolar, desde o início do aprendizado da criança. Apesar de muitos professores se preocuparem em solucionar a indisciplina ainda fica muito a desejar, sendo que as escolas precisam se empenhar em amenizar e resolver o problema de forma que faça o aluno se sentir valorizado e importante para a escola e para a comunidade. (ROZA; SILVA, 2014).

Profissionais da área educacional reconhecem a importância do limite como um veículo para o desenvolvimento de seus alunos, seja no aspecto físico, mental ou social. A questão dos limites é sem dúvida o fator mais importante para a educação na atualidade, e a forma como a criança é educada do ambiente familiar, irá influenciar sua relação no ambiente escolar (ARAÚJO; SPERB, 2009, p. 186).

Para Almeida (2016) a mudança decorrente do sistema moderno abriu, espaço para uma formação negativa na educação dos filhos. Muito contribuiu o fato de que, se antigamente, a mulher do lar fazia todo um trabalho paralelo de atendimento complementar à criança na escola, cuidava do uniforme, materiais, lanches, higiene pessoal, etc., o pai não sofria o desgaste cotidiano da autoridade, pois ele era poupado. A mãe administrava o cotidiano e fazia a mediação dos conflitos.

A autora, citada anteriormente, salienta que a mudança imposta pelo novo sistema criou um enorme abismo na relação pais e filhos, dificultando o diálogo, a compreensão, o reconhecimento da autoridade dos pais por parte dos filhos, obstruindo desta forma as tentativas de um relacionamento que poderia gerar respeito, e uma construção positiva, contribuindo para o que chamamos de falta de limites.

Brambatti (2010) destaca que vivemos um momento de transformação, representado de forma negativa dentro dos valores éticos e morais, os meios de

comunicação, o avanço tecnológico, que faz com que estejamos conectados com várias formas de culturas e costumes diferentes, e de forma muito rápida, situações que no passado não existiam, onde os filhos enxergavam nos pais, um poço de sabedoria. O fato é que este é um momento vivenciado por todos em geral.

Segundo Almeida e Freire (2009) a desintegração da família nestes dias se faz presente de uma maneira absurda, filhos que não se respeitam, filhos que não respeitam o próximo, pais que vivem com filhos e não os conhecem, pais que alimentam e não educam que trabalham demasiadamente para darem o melhor e acabam não dando o fundamental para a vida emocional dos filhos e, por conseguinte esses fatos estão impressos na face do que hoje chamamos de sociedade.

Infelizmente, nunca na escola se discutiu tanto, quanto hoje, assuntos como falta de limites, desrespeito na sala de aula e desmotivação dos alunos. Nunca se observou tantos professores cansados, estressados e, muitas vezes, doentes física e mentalmente. Nunca os sentimentos de impotência e frustração estiveram tão marcantemente e presentes na vida escolar. (BRAMBATTI, 2010).

É possível constatar que nem a família, nem a escola têm clareza sobre o que é realmente estabelecer limites. Os limites são o respeito ao ser humano, o respeito a si mesmo e ao outro, traduzido como respeito mútuo, enquanto disciplina seria um conjunto de regras a serem obedecidas por todos. (ALMEIDA; FREIRE, 2009).

Para Paggi e Guareschi (2004) *apud* Araújo e Sperb (2009, p. 186), “é na relação parental que primeiramente se estabelece a noção de limite, o respeito à autoridade e a capacidade de se colocar no lugar do outro”. A criança cresce sendo influenciadas por aqueles que a rodeiam, cabe aos pais refletirem sobre tal influência e trabalharem desde cedo em favor da educação de seus filhos.

É com a família que os filhos aprendem valores como, carinho e afeto compreendendo a noção de respeito e amor ao próximo. A obra dos pais vem antes da do professor. Eles têm uma escola no lar – o primeiro estágio. Se cuidadosamente e com oração procurarem conhecer e desempenhar seu dever, prepararão os filhos para entrar no segundo estágio, receber instruções do professor (WHITE, 2014).

Araújo e Sperb (2009, p. 186) frisam que a construção de limites está relacionada com a capacidade da criança de obter uma socialização bem-sucedida, de forma que ela possa reconhecer e considerar os próprios limites e os dos demais. Assim, a consequência devido à falta de limite recai não apenas sobre as crianças, mas há um aspecto social também envolvido.

Para Aureliano *et al* (2014) a opinião da criança não deve ser ignorada. É um dizer “não” de forma a educá-la de fato, cercando-a de cuidado, não apenas de repressão. Entretanto, esse educar “democrático” não deve ser confundido como “permissividade”, pois a criança ainda não está pronta para saber escolher o que é melhor para ela.

De acordo com os autores acima citados, os pais e educadores têm o desafio de não se acomodar, acreditando que tal atitude seja coisa do modernismo, e juntos encontrarem maneiras de conquistar a confiança da criança.

Cardelli (2008) frisa que as mudanças no mundo econômico, à necessidade da autonomia financeira da mulher, pais que se desdobram às vezes com duas ou mais funções de trabalho, na busca de dar conforto e melhores condições de vida para os filhos, deixam muitas vezes de lado, a relação de afeto, aquela presença que os padrões antigos tinham, e que desenvolvia naturalmente na criança o senso de carinho e respeito.

A sociedade mudou, valores éticos se transformaram e muitos pais ficaram inseguros a formação dos filhos. Não é o caso dos professores abrirem mão desta responsabilidade e jogarem a culpa nas famílias. Mas, a pesquisadora Zagury (2000) defende que é preciso encontrar um ponto de equilíbrio entre a escola e a família. O segredo segundo ela está na reaproximação com os pais.

Esta missão de educar hoje está sobrando muito para a escola, apesar dela não ter condições de arcar sozinha com a responsabilidade. Não que os pais sejam acomodados. Nas últimas décadas, nossa sociedade passou por mudanças que se refletiram nas relações familiares. (ZAGURY, 2000, p.12).

Zagury (2000) ressalta que, o ideal é deixar claro desde cedo para os jovens e crianças, o que pode e o que não pode ser feito. Estabelecendo algumas regras,

os pais começam a delinear limites, e aqueles que as transgredirem não farão por ignorá-las, o que torna mais fácil, o “transgressor” a assumir.

Brambatti (2010) narra que, no que se refere à família, é necessário dizer que a historiografia brasileira nos leva a concluir que não existe um “modelo de família” e sim uma infinidade de modelos familiares, com traços em comum, mas também guardando singularidades. Podemos dizer que cada família possui suas características, seus laços e personalidades, e juntos lutam por seu desenvolvimento e subsistência.

A autora ainda frisa que estão presentes dessa maneira, sentimentos pertinentes ao cotidiano de qualquer agrupamento como amor, ódio, ciúme, inveja, entre outros. Em relação às expectativas da família com respeito à escola com seus filhos, encontram-se várias fantasias familiares, confiando plenamente à escola a formação do filho, em todos os seguimentos, cultural, limites e sexualidade, e que ele seja preparado para obter êxito na escola e na profissão. Vemos neste contexto a necessidade de uma entidade preparada para lidar com tal situação. As possibilidades da manutenção de uma relação professor/aluno com qualidade e a família são consideradas peça chave nesse momento de crise.

Para Cardelli (2008) o mais difícil no mundo é educar uma criança ou adolescente, pois que demanda da nossa atenção por um tempo, que não percebemos que até em último momento podemos receber educação.

A autora também enfatiza que, alguns fatores apontam as causas da falta de limites na educação das crianças de um modo geral. Os adultos são espelhos, fonte de inspiração e exemplos na formação da criança. Se nossas condutas são negativas, com certeza irá refletir e influenciar o desenvolvimento de nossos filhos. Vemos como exemplos valores que sumiram do nosso cenário, haja vista o enorme número de casos de corrupção interruptos, na política, empresas, igrejas, etc.

Para White, “as crianças são às vezes tentadas a zangar-se quando lhe são feitas restrições; mas, mais tarde na vida, elas bendirão os pais pelo fiel cuidado e estrita vigilância que as guardou e guiou na idade da inexperiência.” Os benefícios de pôr limites nos filhos serão vistos em longo prazo e têm influência na vida da criança ao longo de toda sua vida. (WHITE, 2008, p. 173).

Tedesco (2002) *apud* Brambatti (2010) enfatiza que ao lado da família, a escola permanece sendo um espaço de formação que deve, para tanto, repensar a sua ação formadora, preocupando-se em formar seus educadores para que os mesmos reúnam recursos que os permitam lidar com os conflitos inerentes ao cotidiano escolar. Portanto é na escola, por meio de um trabalho conjunto, e com apoio da comunidade que a formação do aluno, bem como os problemas que assolam a educação, poderão ser analisados e receberem cuidados, a fim de saná-los.

Assim, é fundamental que conheçamos os alunos e as famílias com as quais lidamos. Sobretudo que conheçamos quais são suas dificuldades, seus planos, seus medos e anseios. Enfim, que características e particularidades marcam a trajetória de cada família e conseqüentemente, do educando a quem atendemos. Estas informações são dados preciosos para que possamos avaliar o êxito de nossas ações enquanto educadores, identificar demandas e construir propostas educacionais compatíveis com a nossa realidade (BRAMBATTI,2010).

A questão dos limites não se impõe tão somente aos pais, além de sua missão de ensinar e educar para os limites, a organização escolar deve conviver, em grande parte, com a falta ou a imperfeição dos mesmos trazidos do berço primeiro, a “família” (HITO,2012).

3.4 As intervenções do trabalho docente na construção do limite na Educação Infantil

3.4.1 Atitudes do professor com relação falta de Limites

Para Ferrari (2005) o trabalho de um professor é algo que merece atenção e admiração, pois lidar com o desconhecido é muito complicado, e é assim que o professor se vê dentro de uma sala de aula, pois ali à sua frente estão vidas que trazem histórias diferentes umas das outras, relações e fatores que podem ofertar no seu relacionamento, a doçura ou a agressão, em todos os aspectos.

A autora salienta ainda que cabe ao professor a árdua tarefa de criar um relacionamento sustentável ao seu trabalho e cumprir sua missão de educador. Em

O mal-estar na civilização, texto escrito em 1929, já se pode observar Freud explicitando que o melhor caminho para a difícil tarefa de lidar com o sofrimento dos homens em seus relacionamentos com outros homens é tornar-se membro da comunidade humana, e isso supõe a tarefa do educar e ser educado.

Gomes e Pereira (2013, p. 203-204) narram que a literatura dedica importantes reflexões e pesquisas ao papel do professor em face das violências escolares, tanto no Brasil como em outros países. Além das mudanças da sociedade inclusiva, a escola se transformou em instituição de massa e compulsória, pelo menos até certo nível. Antes matricular-se em uma escola era privilégio, quase sempre da elite, hoje é um dever, uma obrigação garantida por lei.

Ferrari (2005) frisa que, o professor porta assim, um saber que define o vínculo educativo, que é a via da função civilizadora e, por isso, esse saber deve ser mantido vivo, para que a relação não se torne uma relação do eu/você, imaginariamente geradora de tensões e agressividades. Por outro lado, cabe ao aluno aceitar, e de forma construtiva, aproveitar e extrair o melhor deste saber oferecido a ele.

A educação, segundo Tizio (2003, p. 175), “é uma oferta que aspira criar o consentimento que nem sempre acontece”. E por isso, o que é ofertado ao sujeito deve se entrelaçar nessas marcas para que o consentimento aconteça, mesmo porque, é até saudável que se diga não a algo que se oferece. Não se trata, então, de querer apagar suas marcas, algumas delas indestrutíveis, mas, sim, de que o agente reconheça que faz parte do problema que lhe ocupa, na impossibilidade de tudo educar (FERRARI, 2005).

Gomes e Pereira (2013, p. 203-204) salientam que não importa se o discente ou a família deseja a matrícula, pois ela é obrigatória, não só por lei, mas também pela necessidade social de se escolarizar para não ser excluído ou agravar a exclusão social, quanto mais educação se tem, mais educação é necessária e mais tempo é preciso permanecer na escola, num processo crescente.

Desta forma, esses fenômenos resultaram da perturbação dos acordos entre os diferentes níveis do sistema educacional, e os públicos que lhes eram socialmente destinados (BARRÈRE; SEMBEL, 2002). Por isso, não é de

surpreender que as violências se tornem uma problemática nova em suas dimensões e manifestações. (CHRISPINO, 2002).

Fontes (2010) descreve como é difícil aceitar o que nos tenta impor os sistemas atuais, a conturbada relação professor-aluno, onde o respeito entre ambos se faz ausente. O que deveria ser a busca do conhecimento, satisfação e realização de quem ensina, em ver o resultado alcançado, tornou-se um desafio que nasce de relações conturbadas vindas da formação familiar, e que tenta buscar solução no ambiente escolar.

Em tempos de qualificação profissional, o “saber lidar” e as “estratégias matreiras” dos professores, no dizer de Correia e Matos (2001 *apud* STOER; CORTESÃO; CORREIA, 2001, p. 107) são excluídos, em favor de um conteúdo funcional e de uma postura profissional “administrativa e tecnocrática que define o trabalho profissional segundo uma lógica de administração e tratamento de objetos”. A problemática relação, família – filhos, alunos – professor, e a constante reclamação, de que os filhos não recebem educação dos pais, os pais por sua vez, de que a escola não está sabendo lidar com a falta de limites dos filhos, gerando a triste desconfiança, de que não há o que fazer (FONTES, 2010).

De acordo com Parrat-Dayan (2012) a maioria dos docentes não sabe como enfrentar a indisciplina ou como lidar com a falta de limites, e muitos são as formas como se manifesta esta atitude, ela vai desde um simples objeto que é atirado ao chão, a xingamentos e até mesmo uma agressão, impedindo o trabalho do professor na sala de aula.

O autor salienta que tais atitudes desestimulam e transformam em transtorno todo o trabalho preparado pelo professor. Segundo Parrat-Dayan (2012) não existe um nível de exigência predefinido, e sim a exigência de construí-lo conjuntamente.

Estrela (2002) *apud* Garcia (2009) apresenta uma perspectiva conceitual interessante, a noção de indisciplina como algo situado no campo das relações pedagógicas na escola, que pode ser considerada uma transgressão de regras que determinam as condições necessárias para que ocorram diversas aprendizagens coletivas necessárias em sala de aula. Tais regras pedagógicas estariam subordinadas as finalidades do processo de ensino-aprendizagem e seriam relativas a um modelo de intervenção pedagógica.

Nesse sentido, haveria uma relação entre a natureza da disciplina desejada em sala de aula e a perspectiva pedagógica que por suposto estaria orientando as concepções e práticas na escola. Nesse sentido, disciplina e indisciplina seriam elementos relacionados ao campo da relação pedagógica, a qual estaria na base da transmissão do saber na escola (ESTRELA, 2002, p. 35).

Parrat-Dayan (2012) salienta que a indisciplina é a expressão da distância simbólica e cultural entre dois universos que tendem a se opor. O resultado é que muitos alunos se entediam da escola, não enxergam no ambiente escolar o que a modernidade oferece, em termo de dinamismo, e não conseguem se apaixonar pelas atividades que lhe são propostas, e este tédio se transforma em indisciplina. Para evitar o problema, a avaliação formativa e as modalidades de diferenciação pedagógica, deveriam fazer parte da formação de professores.

Garcia (2009) frisa que as indisciplinas, portanto, teriam implicações diretas sobre o desdobramento das relações pedagógicas bem como sobre a construção do conhecimento na escola. A perspectiva apresentada por Estrela (2002) demonstra uma noção de desorganização em todo um processo que envolve as relações pedagógicas e as regras que organizam o processo pedagógico.

Parrat-Dayan (2012) comenta que muitos alunos confundem normatividade e normalização. Aceitar a normatividade de uma disciplina significa se submeter a uma característica que uma vez aceita, dá poder e liberta. É aceitando as regras constitutivas do saber biológico, por exemplo, que o mundo dos seres vivos se torna familiar, e pode chegar a apaixonar. Conhecer as normas de uma disciplina é essencial para absorvê-la e assim conhecer suas bases para poder raciocinar.

Na visão de Garcia (2009) as indisciplinas, portanto, teriam implicações diretas sobre o desdobramento das relações pedagógicas bem como sobre a construção do conhecimento na escola.

A perspectiva apresentada por Estrela (2002) relata que a desorganização das relações pedagógicas, podem ser fatores decisivos para a indisciplina na escola, pois um processo pedagógico organizado estimula a aprendizagem coletiva. É necessário que o aluno entenda que as normas sociais podem ser revisadas, e que são necessárias para a vida social. Ao contrário das normas simbólicas que estruturam os diferentes campos do saber. É preciso um processo pedagógico

organizado, e um bom preparo do professor para que os alunos cheguem a compreender esta diferença.

O autor realça que de fato, as práticas disciplinares exercidas pelos professores, podem criar rejeições pelos alunos, dentro das relações pedagógicas em sala de aula, e que dão sustentação ao processo de ensino-aprendizagem. A indisciplina neste caso solicita não somente prestar atenção as ações dos alunos em sala de aula, mas no próprio modelo de intervenção pedagógica utilizado pelos professores. O problema é eminente, e se a questão é um desinteresse do aluno pela disciplina, o caminho seria a aproximação, uma demonstração de confiança, de cooperativismo. Embora o que vemos na atualidade, nesse caso é uma omissão do professor (ESTRELA, 2002).

Parrat-Dayan (2012) enfatiza que é necessário levarmos em conta de forma construtiva o desenvolvimento moral da criança, tanto no ponto de vista psicológico quanto no pedagógico, para tentarmos obter resultados de reduções significativas na falta de limites ou indisciplina. É importante também que haja diálogos na sala de aula, deixando que o aluno tenha voz, e que de forma democrática sejam negociadas e renegociadas as regras de relacionamento na sala de aula. O sentido cooperativo, professor-aluno discutindo e abordando não somente os assuntos escolares, mas também a troca de experiências de vivências entre os alunos e o professor, fará com que a confiança mútua seja estabelecida, gerando harmonia no ambiente escolar.

Os autores Oliveira e Favero (2014) narram que as relações dentro de uma sala de aula, necessitam ser analisadas para compressão da natureza da disciplina. Aquino (1998, p.49) aponta que: “não é possível conceber a instituição escolar como algo além ou aquém da relação concreta entre seus protagonistas”. A reflexão sobre a atuação dos educadores é de suma importância no combate à falta de limites e indisciplina do educando.

Segundo Parrat-Dayan (2008, p.124), “a gestão da classe é parte do problema da disciplina”. Dentro do contexto escolar podemos observar três formas de educadores com práticas diferentes na relação da sala de aula. Observam-se professores que em sua prática são poucos flexíveis, rígidos, por vezes autoritários. Em contrapartida, aqueles profissionais que são flexíveis, que estipulam poucas

regras e, por último, distintos a estes, aqueles educadores que não estabelecem regras e tão pouco são flexíveis em sua prática.

O autor frisa a necessidade de encontrar um ponto de equilíbrio dentre estas regras, com flexibilidade nas ações, para que sejam alcançados os objetivos em prol da harmonia na sala de aula.

Vigostki (2010) *apud* Ricordi (2015, p. 67) realça que ao mudar ou proporcionar mudanças no meio o pedagogo/professor educa a criança, este é um trabalho duplo, pois o professor é o organizador e o administrador do meio educativo/escolar, assim chegamos à seguinte fórmula do processo educacional, a educação se faz através da própria experiência do aluno, a qual é inteiramente determinada pelo meio, e nesse processo o papel do mestre consiste em organizar e regular o meio.

Numa parceria com o aluno, o professor pode criar uma dinâmica construtiva, dando autonomia ao aluno, fazendo-o participar ativamente da aula, com isto a autoridade que era depositada ao professor, dá lugar a um relacionamento democrático, o aluno torna-se o centro, gerando auto-estímulo, e mais participação na sala de aula. (PARRAT-DAYAN, 2008).

Oliveira e Favero (2014) ressaltam que o educador deve tomar a posição de adulto na situação, pois muitas vezes o problema gerado por certos comportamentos do educando dentro do conflito, podem ser reflexos das inquietações próprias da fase de suas vidas. A autoridade docente necessita ser legitimada e não imposta de forma autoritária e arbitrária. Nesta perspectiva, uma postura profissional baseada no respeito ao educando, na busca de criar meios para o fortalecimento de sua autonomia, faz-se essencial. É importante que o educador faça sempre uma análise de suas próprias atitudes perante o educando.

É preciso chamar a atenção, mas sempre com respeito e mostrando que o grupo é que está sendo prejudicado, e não apenas você, pessoalmente. Tratar o estudante dessa forma faz com que ele também perceba como agir em momentos de conflito. (GURGEL; MOÇO, 2009, p. 12).

Oliveira e Favero (2014) sobre as possibilidades de como intervir e enfrentar a indisciplina escolar recai, também, na análise de outro ponto fundamental da relação cotidiana da escola, ou seja, as regras escolares.

Oliveira e Favero (2014) enfatizam que quando falamos em regras, incluem-se aqui as normas, regulamentos e regimentos escolares construídos de “forma coletiva”, pois a escola atuando em conjunto com a comunidade, poderá estabelecer normas agindo de forma consciente e consistente no processo educacional, de modo a minimizar os fatores que levam à indisciplina escolar.

Salientam ainda os autores que desta forma fica evidente a necessidade de que todo o coletivo escolar deverá estar envolvido no mesmo objetivo, falando a mesma língua, em sua prática diária, sendo conhecedor das normas, regulamentos, regimentos, regras e acordos firmados. Evitando desta maneira que sejam tomadas diferentes direções em sua prática pedagógica e, desta forma, nesta trajetória a escola não encontrar unidade e clareza nas ações propostas.

A verdade é que a disciplina é um termo muito genérico e, quando se refere à escola, somos levados a reduzi-la à indisciplina do aluno e à punição deste no sentido de contê-lo para torná-lo obediente, passivo, restaurando a tão propalada disciplina que, neste caso, significa a manutenção da ordem estabelecida. (RIBAS; CARVALHO; SCHIDT, 1989, p. 30).

Ricordi (2015) reforça que muitas vezes no exercício de sua autoridade o educador confunde limites com controle excessivo de disciplina, deixando de lado o sentido democrático. Pois é visto como uma forma de “moldar” as crianças. A necessidade de compreender a questão de limites na Educação Infantil é preciso estabelecer um conceito sobre o mesmo. Yves de La Taille fala sobre uma superação de limites, que os limites existem para serem superados, como explica na citação a seguir:

“Limite” significa também aquilo que pode ou deve ser transposto. Toda fronteira, todo limite separa dois lados. O problema reside em saber se o limite é um convite para passar para o outro lado ou, pelo contrário, uma ordem para permanecer de um lado só. (LA TAILLE, 1999, p. 12).

La Taille (1999) *apud* Ricordi (2015) ao falar de transpor limites questiona a forma de educar a criança, diz que não devemos apenas impor limites, devemos auxiliá-las em seu desenvolvimento cognitivo, afetivo, pois assim elas serão capazes de entender regras.

O que se pode fazer é trabalhar os combinados com as crianças como cita Vigotski (2010, p. 314):

Não se trata de obediência a quem quer que seja mas de assumir livremente formas de comportamento que garantam a justeza do comportamento geral. Esse mecanismo não é algo estranho, imposto à criança, mas, ao contrário, está na própria natureza dela, e a brincadeira é o mecanismo natural que desenvolve e unifica essas habilidades. Em parte alguma o comportamento da criança encontra tantas regras como brincadeira, e em lugar nenhum assume essa forma livre e ético-educativa. Não se trata de formas quaisquer, ditadas pelos adultos à criança.

Ricordi (2015) salienta que se deve fugir do sistema autoritário, jamais utilizar castigos físicos ou morais. Porém não devemos proteger em demasia as crianças, pois estas devem conhecer as frustrações da vida. Esse é um grande erro dos educadores, protegerem demais as crianças.

Oliveira e Favero (2014) frisam a necessidade de uma interação professor-aluno em torno das regras estabelecidas e legitimadas no espaço escolar, prática esta, que deve ir além da informação. Abordando de forma clara com o educando, interpretará o sentido de cada uma delas bem como, explicitar com clareza os limites de tolerância na convivência. Desta forma fica claro que as regras podem ser classificadas em duas categorias distintas, que por muitas vezes, erroneamente, são vistas num mesmo sentido, sendo elas, as regras morais e as regras convencionais. Conhecer a diferença pode ser um instrumento importante na prevenção da indisciplina escolar.

Os autores realçam que as regras morais estão relacionadas às regras e atitudes, aceitas ou não em uma determinada sociedade (normas, direitos e deveres, valores aplicados a todos os membros da sociedade, sem a possibilidade de negociação). São estas que merecem mais atenção dos educadores, pois, além de corroborarem com os problemas de indisciplina, estão relacionadas ao desenvolvimento da autonomia de nossos alunos. Desse modo:

Não mentir é um exemplo clássico de regra moral. O princípio ético em jogo, nesse caso, é a honestidade. Trata-se, portanto, de um preceito inegociável. Quando algum aluno mente, a solução passa por uma boa conversa - prática imprescindível já na Educação Infantil. Desde essa fase, é importante explicar para a criança como

se sente o colega que foi enganado e mostrar que isso é errado. (GURGEL; MOÇO, 2009, p. 13).

Já as regras convencionais podem ser caracterizadas como aquelas relacionadas às normas de convivência, a serem negociadas pelo grupo (uso de bonés, o silêncio em determinadas situações e atividades, não apelidar, realização das tarefas de casa, uso de uniformes, etc.). Estas regras fazem parte das relações escolares e, que muitas vezes, culminam nas chamadas transgressões aos combinados. Assim, regras convencionais têm seu fundamento na negociação e na clareza de definição (GURGEL; MOÇO, 2009).

Piaget segundo Ricordi (2015) a criança aprende com os exemplos, com as experiências que vivem. Piaget cita o fato de o pensamento da criança surgir de acordo com o ambiente no qual esta está inserida. Fala até do fato de irmãos mais velhos que influenciam os mais novos seu desenvolvimento dependerá muito da educação recebida, a qual pode querer favorecer a adaptação ao real, quer manter as explicações míticas (PIAGET, 1975, p. 318). Se o ambiente não for favorável, como a criança irá aprender? Que exemplo de conduta esta criança terá? Piaget cita a moral heterônoma, que é a ideia de adulto referência aquele em quem a criança irá se inspirar:

Na moral heterônoma, os sentimentos morais da criança refletem a vontade do adulto significativo. A moral heterônoma (ou moral obediência) estabelece como critério de bem e mal a vontade dos adultos. Há, portanto, a necessidade de o educador não abusar de sua autoridade. A relação entre o adulto e a criança deve sempre considerar o diálogo e o respeito para que contribua na superação da moral heterônoma e para a construção da moral autônoma. A educação deve fomentar as relações entre as crianças, promovendo o conhecimento e o intercâmbio entre elas. A estimulação de cooperação entre iguais, por meio do trabalho em pequenos grupos, auxilia na diminuição da coação e no aumento da autonomia. (STOLTZ; MINDAL; VALENTE, 2010, p. 27).

Oliveira e Favero (2014) destacam que analisando as questões mencionadas, dentro do âmbito da falta de limites, e na busca da disciplina numa forma democrática, a escola deve refletir sobre as regras determinadas e acordadas pelo coletivo, analisando sua aplicabilidade no contexto. Assim como qualquer trabalho em conjunto, as regras necessitam de organização e de aprovação, de que

formas serão aplicadas, sendo assim os objetivos serão alcançados, e principalmente com relação à prevenção da indisciplina. (VIVALDI, 2015).

Parrat-Dayan (2012) enfatiza que, somente uma escola democrática, irá construir no seu ambiente a harmonia, tendo como característica o respeito mútuo e a formação do espírito cooperativo. O professor não deverá ser o único a tomar decisões, criando o senso de trabalho em conjunto dentro da sala de aula, facilitando a compreensão das regras e normas estabelecidas em conjunto com o educando. O educador autoritário não cativa, não conquista a confiança do educando, bem como o educador liberal, que não conquista o respeito e perde totalmente o controle da organização para a disciplina.

Batista e Weber (2014) narram que há uma relação recíproca no relacionamento professor-aluno, e que influência o comportamento de ambos no ambiente escolar. Este relacionamento é fundamental para o bom andamento do processo disciplinar. Baseado no artigo de Darling e Steinberg (1993) pode-se pensar em três características dos professores, semelhante às dos pais, que influenciam o desenvolvimento infantil: 1) os valores e os objetivos que os professores têm quanto ao ensino de conteúdos e habilidades; 2) as práticas usadas para ajudar as crianças a atingir estes objetivos e; 3) o estilo de liderança, ou clima emocional, dentro do qual essa relação de ensino-aprendizagem ocorre.

As autoras ainda salientam que estes processos podem sofrer variações na influência do contexto, bem como a cultura ou classe. Podemos observar que a forma de liderança do professor com atitudes de cooperativismo e democracia cria um clima favorável à relação clara e objetiva, facilitando a compreensão da criança na relação de ensino/aprendizagem.

Aquino (1998) cita as cinco regras éticas do trabalho docente. A primeira regra implica a compreensão do aluno-problema como um porta-voz das relações estabelecidas em sala de aula. Pois o mesmo aluno que gera problema para um professor, pode ser participativo em outra matéria. A segunda regra ética refere-se à desi-idealização do perfil de aluno. O professor que sabe e quer fazer uso de suas habilidades pode transformar o aluno no que seria o seu ideal. A terceira regra implica a fidelidade ao contrato pedagógico. Fazer aquilo que o professor se propõe transmitir o conhecimento. A quarta regra é a experimentação de novas regras de trabalho. Inovar, ser dinâmico, pois o professor tem um material imenso

dentro da sala de aula, e a inovação motiva de modo geral. A última regra ética, e com a qual encerramos nosso percurso, é a idéia de que dois são os valores básicos que devem presidir nossa ação em sala de aula: a competência e o prazer. O professor que se doa integralmente à sua função se realiza, pois nada melhor do que ver na formação do aluno, seu objetivo alcançado.

Aquino (1998) ainda frisa que é fundamental que o educador assuma o seu papel, e seguindo estas diretrizes, os seus "problemas" disciplinares deixarão de ser prioritários, uma vez que elas instauram a intervenção do professor, e não as condutas da clientela, como norte da ação escolar com certeza, a busca por uma relação melhor professor-aluno, será menos complicada.

4 METODOLOGIA

A metodologia é um estudo dos métodos ou dos instrumentos necessários para a elaboração de um trabalho científico. É um conjunto de técnicas e processos empregados para a pesquisa e a formulação de uma produção científica, é especialmente um estudo dos métodos da ciência.

Um processo utilizado para dirigir uma investigação da verdade, no estudo de uma ciência ou para alcançar um fim determinado.

O questionário é um instrumento desenvolvido cientificamente, composto de um conjunto de perguntas ordenadas de acordo com um critério predeterminado, que deve ser respondido sem a presença do entrevistador (MARCONI; LAKATOS, 1999, p.100). A pesquisa é de caráter qualitativo e quantitativo, a fim de questionar os professores que atuam em sala de aula na Educação Infantil.

4.1 Local da Pesquisa

A pesquisa foi realizada em duas instituições de ensino, sendo uma Privada e uma Pública, ambas de pequeno porte, voltadas para o atendimento da Educação Infantil.

A escola Pública atende até o Fundamental I de período integral e a Privada atende até o Fundamental I, período vespertino. Ambas as escolas estão localizadas em uma cidade de Norte do Paraná.

4.2 Sujeitos da Pesquisa

Esta pesquisa foi realizada com professores da Educação Infantil, em uma escola Privada com turmas do Jardim I, duas turmas de Jardim II, Jardim III e duas turmas de 1º Ano, alunos de 3 a 6 anos de idade, e com professores de uma escola Pública, Pré I, Pré II e um 1º Ano, alunos de 4 a 6 anos de idade, da cidade de Apucarana. A quantidade de público alvo da pesquisa foram 09 professores.

4.3 Instrumento

A pesquisa utilizou como instrumento o questionário, como coleta de informações para abordar junto aos professores, o comportamento dos alunos da Educação Infantil, com o propósito de obter informações e intervenções, na eficácia do comportamento e no ensino aprendizagem do aluno.

4.4 Procedimento

O questionário como instrumento de pesquisa, foi entregue as coordenadoras da escola Pública e Privada, onde elas entregaram. Aos professores da escola Pública foram entregues para 03 professoras, do Pré I, Pré II e um 1º Ano. E aos professores da escola Privada, foram entregues para 06 professoras da Educação Infantil, turmas do Jardim I, duas turmas do Jardim II, Jardim III e duas turmas do 1º Ano.

5 ANÁLISE DE DADOS

O objetivo deste trabalho é analisar os métodos e as formas com que os professores lidam com o problema da falta de limites dos alunos da Educação Infantil em sala de aula. Por meio desta pesquisa, tivemos uma noção na prática sobre os resultados das intervenções utilizadas pelos professores.

A falta de limites gera indisciplina, e este trabalho visou identificar a forma como os professores lidam com este problema, o qual atinge e prejudica os professores e os alunos.

A presente pesquisa foi realizada com os professores da Educação Infantil de duas escolas urbanas de uma cidade do Norte do Paraná. Sendo, uma escola Pública e outra Privada.

Os dados foram coletados com a utilização de questionário com perguntas abertas e fechadas, distribuídos nas duas escolas citadas anteriormente.

O questionário foi entregue às escolas, um para cada professor titular da sala. No total foram 09 respondentes, os quais entregaram as suas respostas após 10 dias. O questionário é voltado para o problema da falta de limites.

Na sequência apresentaremos os resultados com base na pesquisa aplicada e o referencial bibliográfico estudado.

Na questão referente à intervenção do professor decorrente da falta de limite, observamos a preocupação e o cuidado dos docentes, com a criança e com a construção de limites por parte delas, no Quadro 1 apresentamos as respostas dos professores relativas às intervenções.

Quadro 1 – Respostas dos professores em relação às intervenções aplicadas a falta de limites apresentada em sala de aula

Escola Pública	Respostas professores
Professora A	A criança nesta fase testa o adulto em busca de limites, portanto ser firme e ao mesmo tempo carinhoso ajuda muito.
Professora B	Por meio de jogos com regras, impondo limites, como cada um falar no momento certo, sempre esperando sua vez.
Professora C	Aos poucos mostrando a importância das regras.
Escola Privada	Respostas professores
Professora A	Com regras e diálogo.
Professora B	Com diálogo, carinho e firmeza.
Professora C	A base da conversa, estabelecendo regras para fora da sala como dentro.
Professora D	Com tabelas de atitudes saudáveis e atitudes não saudáveis.
Professora E	Impondo regras e limites, algo muito importante que muitos não tem em casa.
Professora F	Com atividades/brincadeiras que envolvam respeito e regras.

Fonte: Autora da pesquisa, 2019.

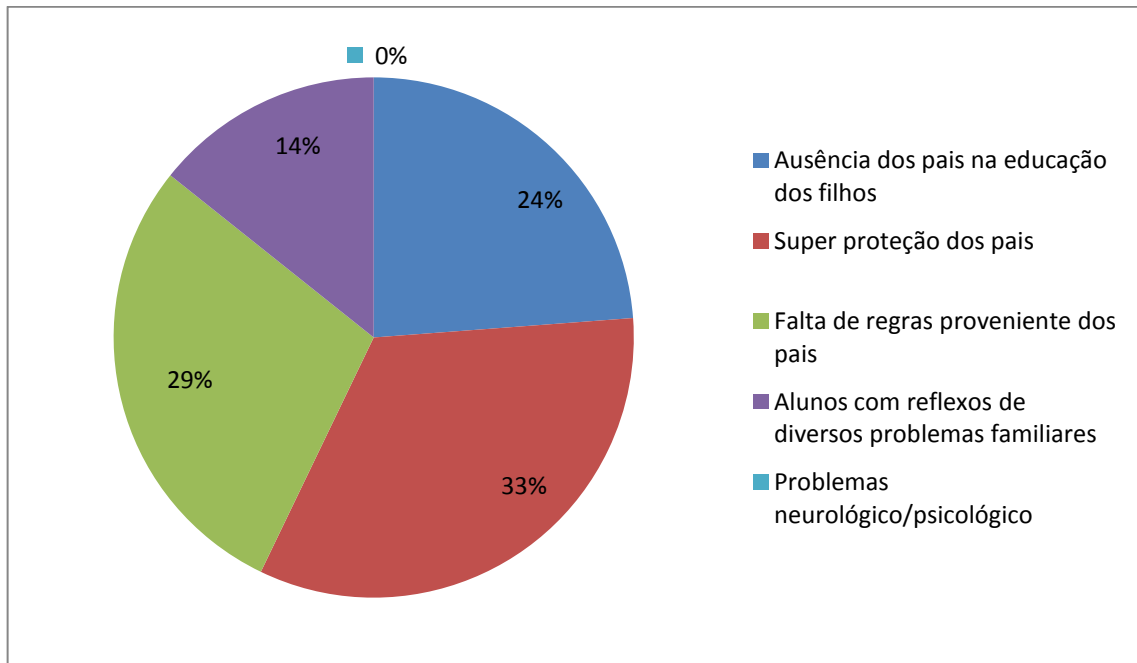
Podemos observar que os professores utilizam, para trabalhar limites com as crianças, diversos encaminhamentos, entre eles: ludicidade, diálogo, firmeza com amorosidade.

O afeto é essencial para todo o funcionamento do nosso corpo nos dando coragem, motivação, interesse, e contribuindo para nosso desenvolvimento. E é pelas sensações que o afeto nos proporciona que sabemos quando algo é verdadeiro ou não. Principalmente para a criança o afeto é importantíssimo, pois ela precisa sentir-se segura para poder desenvolver seu aprendizado, e é necessário que o professor tenha consciência de como seus atos são extremamente significativos nesse processo, porque essa relação aluno-professor é permeada de afeto, e as emoções são estruturantes da inteligência do indivíduo. (WALLONapudSILVEIRA, 2014, p. 5).

Paralelo à firmeza é de suma importância uma relação afetiva, que irá gerar de forma positiva, confiança e respeito entre ambos e, principalmente, a

autoconfiança no professor em administrar a turma, e no aluno em absorver o conteúdo do proposto em sala.

Gráfico 1 – As causas para a falta de limites na Educação Infantil



Fonte: Autora da pesquisa, 2019.

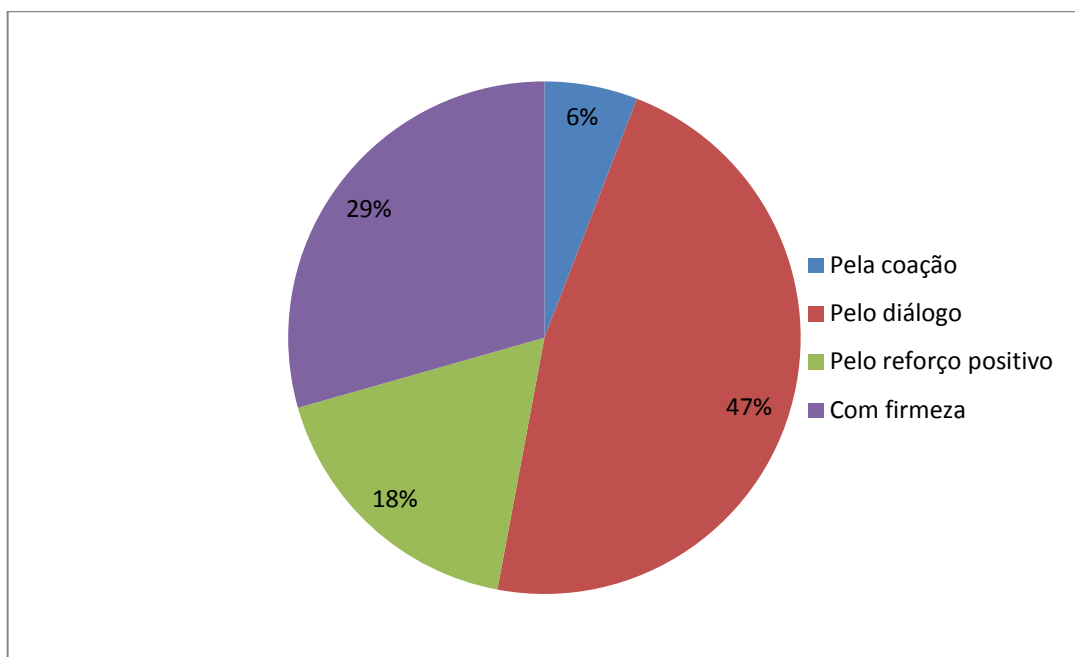
De acordo com o gráfico, os professores da escola Pública e Privada responderam que a super proteção e a falta de regras dos pais são as causas mais agravantes em relação à falta de limites.

Podemos observar que a super proteção dos pais é um problema em crescimento, visto que dentre tantas situações, podemos citar como fator principal, um reflexo da participação dos pais no mercado de trabalho, causando um distanciamento na relação com os filhos, e desta forma tentam compensar com mimos, excesso de liberdade em tudo o que as crianças desejam fazer.

É fato que as famílias de hoje estão configuradas de forma mais aberta sem a rigidez dos papéis de antigamente, porém, o medo dos pais de repetir uma educação repressora que receberam domina, fazendo com que, no extremo oposto, passem do não poder nada para o poder tudo contemporâneo. (SOUZA, 2009, p. 149).

Para os docentes a super proteção dos pais e falta de regras proveniente dos pais, se relacionam perfeitamente no mesmo ângulo, e podemos acreditar que a questão nem sempre seja à de que os pais tentam compensar a sua ausência, mas também a de que eles tenham medo de implantar uma educação nos moldes antigos, com repressão, acreditando que desta forma possam criar traumas nos filhos e com isto não estão preparados para lidar com a situação de discipliná-los.

Gráfico 2 – Regras de limites para os alunos



Fonte: Autora da pesquisa 2019.

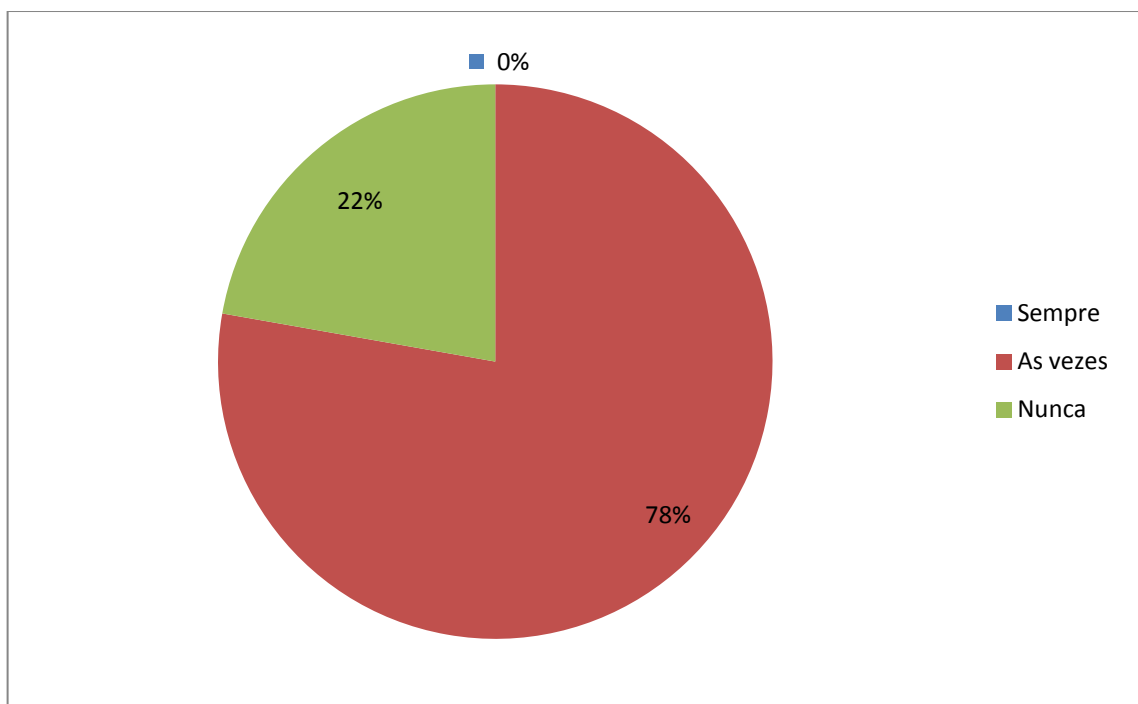
Neste gráfico observamos a preocupação e o cuidado da maiorias dos professores, com relação às regras trabalhadas na falta de limites na Educação Infantil. Para os docentes o diálogo é a melhor forma de trabalhar regras com os alunos, pois não podemos ser autoritários, acreditando que isso irá conquistar seu respeito.

O diálogo é o ato democrático, demonstra respeito à opinião de todos, através do diálogo o professor, a escola e a comunidade poderá identificar problemas e saber o que se passa na vida do aluno, quais fatores interferem na sua educação. Carinho e firmeza aliados demonstram a preocupação, porém com responsabilidade, não liberdade total que geralmente se transforma em libertinagem.

Com medo de traumatizar as crianças, estamos criando uma geração que acredita que aos pais cabe o dever de tudo dar e, e aos filhos o direito de receber tudo. De repente, ficamos com medo de educar. Preferimos errar por omissão a agir com excessivo rigor e provocar marcas definitivas. Nos acovardamos e perdemos a confiança em nossas ideias . Sem que nos apercebêssemos, estávamos fazendo uma inversão de 180 graus em relação ao padrão anterior de educação, antes as crianças morriam de medo de perder o amor dos pais; hoje, são os pais que tem medo de perder o afeto dos filhos. (GIKOVATE, 1989, p.182).

A escola e os pais juntos podem mostrar para o educando um relacionamento de confiança em ambas as partes, que existem regras, normas, e que cumpridas, irão colaborar para o bem de todos. O medo de criar um trauma nos filhos, o medo de afastá-los gera espaço para a autonomia negativa, e enfim a indisciplina. Carinho e firmeza são necessários nesta formação.

Gráfico 3 – Dificuldades para regras e normas



Fonte: Autora da pesquisa, 2019.

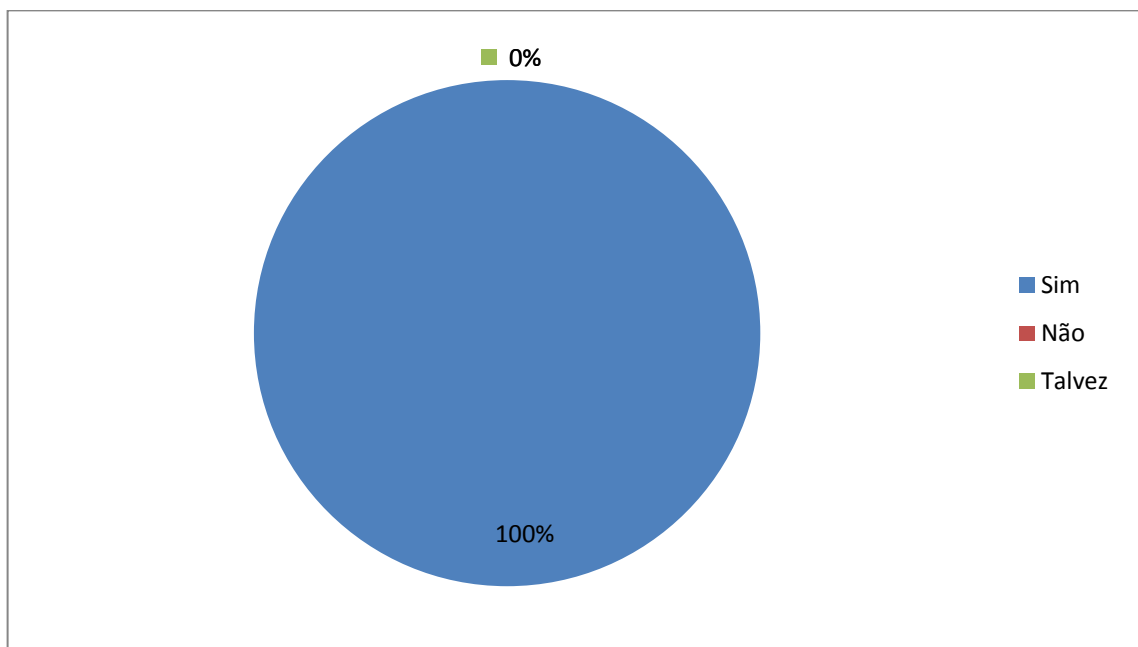
Regras e normas conduzem, orientam e quando são compreendidas a relação liberdade e limite, a realização do trabalho se torna melhor.

Obtivemos dos professores a resposta, de que às vezes tem dificuldades em fazer seus alunos cumprirem regras e normas. Realmente quando se está em sala de aula com vinte, trinta ou mais alunos, cada um com um histórico familiar diferente, pensamentos diferentes, fica complicado fazer com que sigam regras e normas. Mas o fato de lidar com diversos alunos com características diferentes não pode servir de justificativa para omissão do diálogo.

Parrat-Dayán (2012) enfatiza que, somente uma escola democrática, irá construir no seu ambiente a harmonia, tendo como característica o respeito mútuo e a formação do espírito cooperativo. O professor não deverá ser o único a tomar decisões, criando o senso de trabalho em conjunto dentro da sala de aula, facilitando a compreensão das regras e normas estabelecidas em conjunto com o educando.

Os docentes questionados apontam para que sempre o diálogo prevaleça em busca de se cumprir as regras e normas em sala de aula.

Gráfico 4 – Incentivo à construção de limites em sala de aula



Fonte: Autora da pesquisa, 2019.

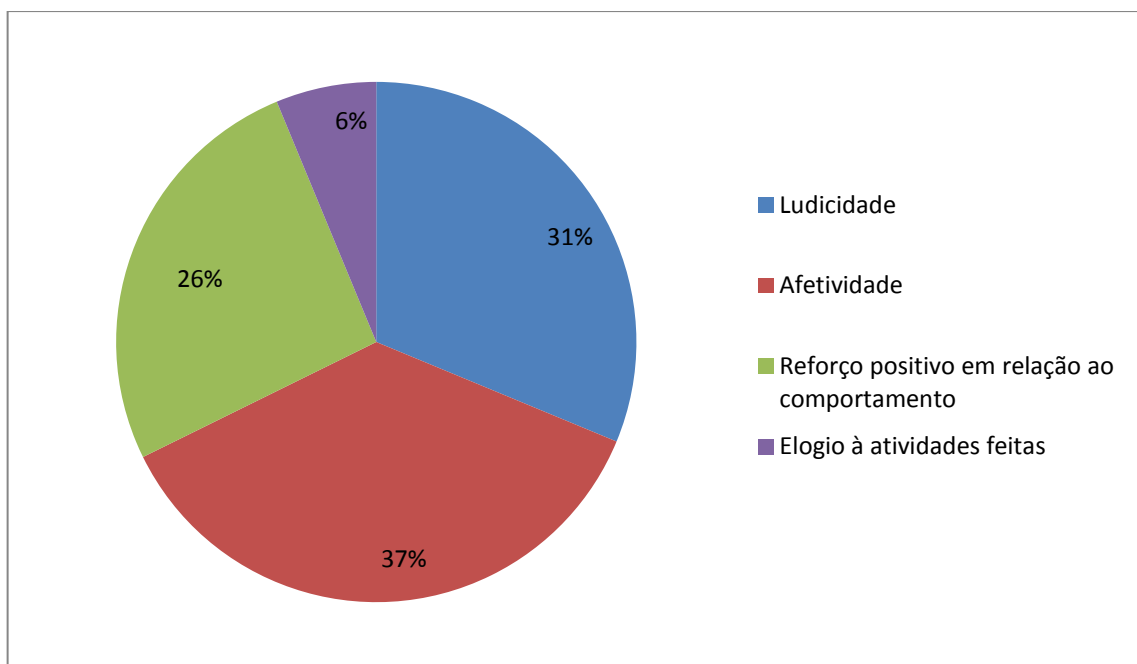
Todos os professores entrevistados responderam que sua metodologia de trabalho incentiva a construção de limites dos alunos no sentido de manter a disciplina na sala de aula.

É fundamental que o professor crie uma boa estratégia de ensino, trazendo de forma prazerosa o aluno para o assunto abordado e que tenha uma posição de liderança na sala de aula.

Entre outros fatores que contribuem para uma metodologia positiva na construção de limites na sala de aula estão: a honestidade, ensinando os alunos a reconhecer erros e mostrar que isto os ajuda a enfrentar os desafios, aceitar as críticas construtivas, o professor tem que ser um bom mediador e deixar bem claro os objetivos e expectativas com os assuntos abordados na sala de aula.

Batista e Weber (2014) narram que há uma relação recíproca no relacionamento professor-aluno, e que influencia o comportamento de ambos no ambiente escolar. Este relacionamento irá influenciar a forma como o aluno terá de se comportar na sala, bem como o método de trabalho, e as habilidades utilizadas pelo professor.

Gráfico 5 – Trabalhar a auto-estima e respeito para com os professores e os colegas



Fonte: Autora da pesquisa, 2019.

A maioria dos professores entrevistados citou, a afetividade como o caminho que trabalham a auto-estima do aluno na busca do respeito dos limites do professor e dos colegas.

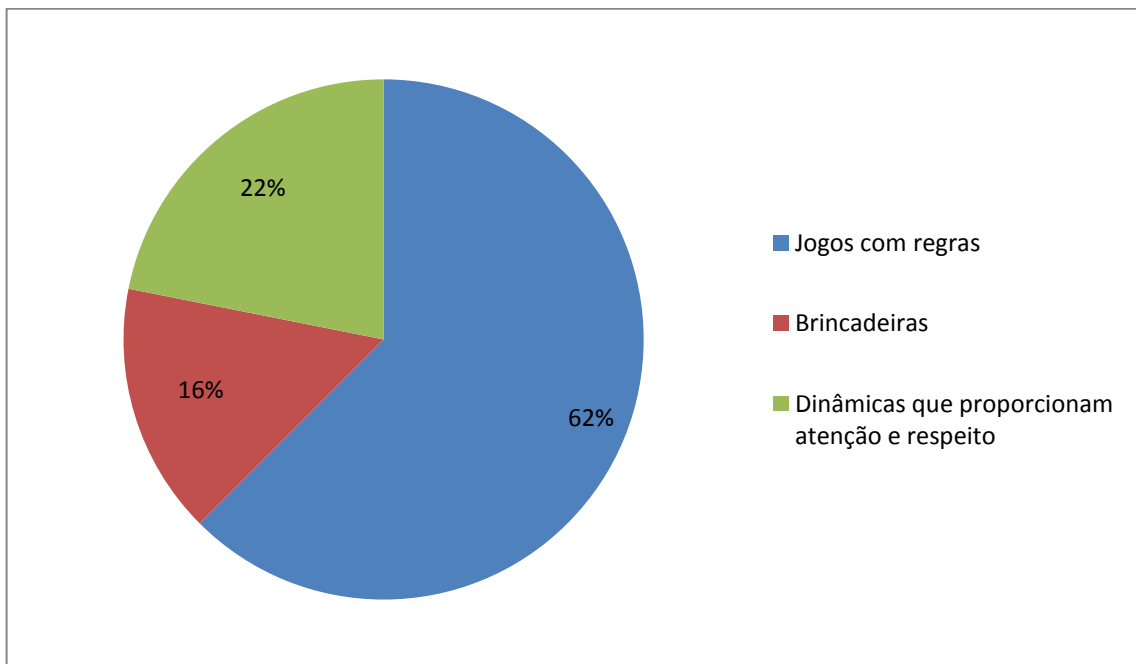
As emoções influenciam no desenvolvimento do ser humano, nas suas atitudes, moldam seu caráter e com certeza terá grande influência no desenvolvimento escolar cognitivo.

Uma formação negativa trará sérias consequências para o futuro desse aluno, será um adulto limitado, a falta de limites na infância é uma das grandes responsáveis pelas frustrações na vida adulta. A criança sem uma formação de carinho e afeto a partir da família e da escola pode sofrer com sérios bloqueios quanto às suas capacidades. Já uma formação positiva, servirá de alicerce saudável na busca por conquistas.

O bom caráter se forma quando aprendemos a ter atitudes positivas em relação a nós mesmos e aos outros. Desta forma iremos assumir nossa identidade.

Serei eu capaz de o amar bem? Está bem, sim, amo-o; mas é porque o amo que não consigo amá-lo. Desejo tanto que ele seja feliz; uma criança é feita para ser feliz. Sonho que as provas por que tem de passar sejam doces para ele, que eu possa amaciar-lhas - e não consigo; quero mal a mim próprio, quero-lhe mal a ele por não conseguir ser feliz comigo; graças a mim(...). Inquietações, responsabilidades, e estas responsabilidades são tanto mais pesadas para mim quanto mais me repetem, de todos os lados, que são pesadas, que se meus filhos estagnarem, ou se desviarem, será porque não soubemos criar a atmosfera familiar que lhes teria sido favorável. (CALDANA, 1995, p.110).

A afetividade está intimamente ligada ao intuitivo do ser humano, ela se manifesta no sentimento de acolhimento, desejo, ternura, paixão, gosto, quando passamos a ter mais compreensão conosco mesmo e com os outros. Facilita à comunicação, promovendo desta forma a união. Quando colocamos este sentimento em relação aos outros ou ao que fazemos, potencializamos nossa capacidade, pois este sentimento toca e prende totalmente os participantes neste processo.

Gráfico 6 – Atividades importantes para obter limite com os alunos

Fonte: Autora da pesquisa, 2019.

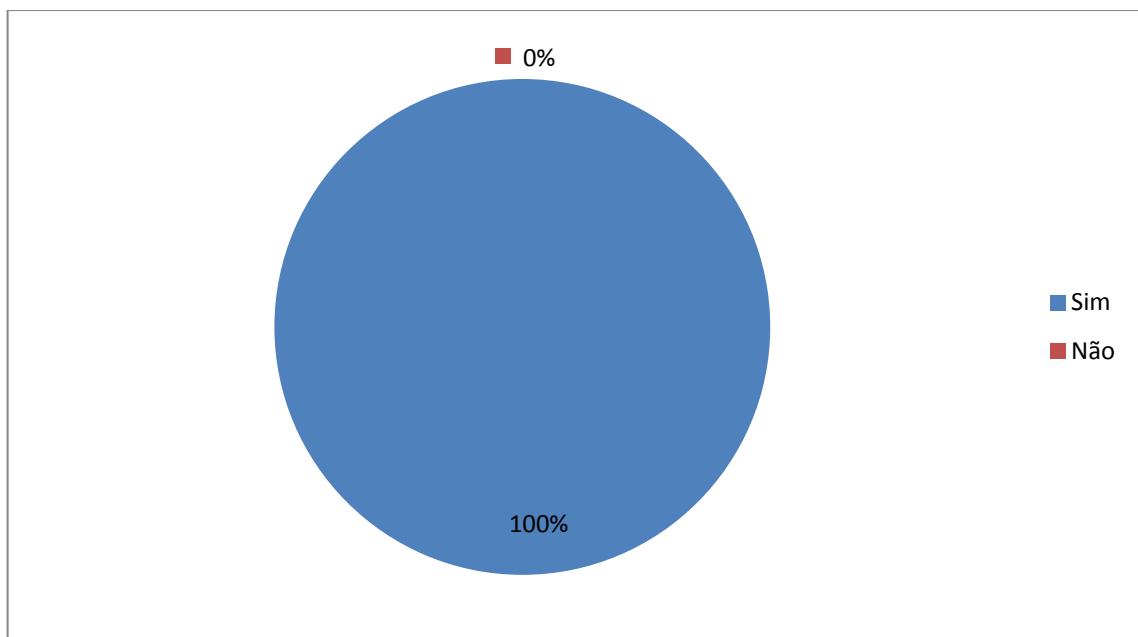
A resposta dos docentes das escolas A e B foram: dinâmicas que proporcionam atenção e respeito. O professor tem que ser criativo e em muitas vezes fazer uso dos meios tecnológicos em favor da dinâmica é um caminho, mais também buscar brincadeiras, (como lenço atrás, a dança da serpente, entre outras) músicas e outras técnicas utilizando ludicidade, leva o aluno a ter atenção e a respeitar o seu próximo. A arte de um modo geral tem muito a ensinar, levar a experiência, orientá-los em vários segmentos da vida.

Observar os alunos é uma forma de descobrir seus interesses, e isto pode servir de base no planejamento das aulas, estas informações serão de grande utilidade na preparação de trabalhos que despertem a curiosidade dos alunos, fazendo-os despertar a criatividade, pois o baixo interesse demonstrado pelo aluno dentro da sala de aula pode ser recorrente da falta de atenção, causada por aulas que não despertam o interesse. Debates sobre assuntos atuais, jogos de interação, que façam com que a turma se una isto cria o conjunto e desperta o espírito de trabalho em equipe.

Não se trata de obediência a quem quer que seja mas de assumir livremente formas de comportamento que garantam a justeza do comportamento geral. Esse mecanismo não é algo estranho, imposto à criança, mas, ao contrário, está na própria natureza dela, e a brincadeira é o mecanismo natural que desenvolve e unifica essas habilidades. Em parte alguma o comportamento da criança encontra tantas regras como brincadeira, e em lugar nenhum assume essa forma livre e ético-educativa. Não se trata de formas quaisquer, ditadas pelos adultos à criança. (VIGOTSKI,2010, p. 314).

La Taille (2002) ao falar de transpor limites questiona a forma de educar a criança, diz que não devemos apenas impor limites, devemos auxiliá-las em seu desenvolvimento cognitivo, afetivo, pois assim elas serão capazes de entender regras.

Gráfico 7 – Trabalho do orientador pedagógico juntamente com o coletivo, nas normas, regulamentos e regimentos para solucionar a falta de limite dos alunos



Fonte: Autora da pesquisa, 2019.

Os professores entrevistados das duas escolas, disseram ter o apoio do orientador pedagógico para atendê-los e solucionar os problemas causados pela falta de limites dos alunos na sala de aula.

De acordo com Parrat-Dayán (2012) a maioria dos docentes não sabe como enfrentar a indisciplina ou como lidar com a falta de limites, tornando isto como um

dos maiores obstáculos pedagógicos do nosso tempo. Há varias formas de observarmos este comportamento, que tanto dificulta a formação, a educação.

Quadro 2– Respostas dos professores sobre as ações do orientador pedagógico para solucionar a questão da falta de limites dos alunos

Escola Pública	Respostas professores
Professora A	As visitas as salas de aula para dialogar são constantes e com isso a figura desse orientador pedagógico traz confiança e segurança às crianças.
Professora B	Chamar os pais ou responsáveis quando necessário para conversar, contribuindo com ideias para impor regras de maneiras lúdicas.
Professora C	Quando há algum acontecimento diferente é conversado com todos.
Escola Privada	Respostas professores
Professora A	Sempre conversa com os pais, faz reuniões e impõe regras ou até mesmo advertências.
Professora B	Sempre temos orientação com a coordenadora. Não tenho problemas com limites na minha sala.
Professora C	Reuniões com os pais.
Professora D	Trabalhar em cima de diálogo com a criança e sempre impondo o respeito e firmeza ao falar com as mesmas sobre as regras da sala.
Professora E	Conselho de Classe, reuniões extras se for preciso.
Professora F	Com reuniões e conversas.

Fonte: Autora da pesquisa, 2019.

Com relação às ações, os professores da escola Pública, ressaltaram que as visitas do coordenador as salas de aula, para dialogar, são constantes e com isso a figura desse orientador pedagógico, traz confiança e segurança tanto para as crianças, como para os familiares ou responsáveis.

Já os professores da escola Privada, elencaram que as reuniões, conversas, Conselho de Classe, como fator importante. Portanto, proferiram que trabalhar em cima de diálogo com a criança, sempre impondo o respeito e firmeza ao falar sobre as regras da sala de aula.

O trabalho em conjunto é fundamental na busca de qualquer objetivo, é necessário centralizar a questão, focar o objetivo, buscar e ouvir opiniões, acatar experiências de pessoas envolvidas no processo. Tudo isto facilita para o trabalho conjunto, e principalmente fazer com que o aluno veja que há um padrão e que todos seguem as normas. A organização é fundamental para o bom funcionamento de um padrão.

Oliveira e Favero (2014) narram que é evidente a necessidade de que todo o coletivo escolar deverá estar envolvido no mesmo objetivo, falando a mesma língua, em sua prática diária, sendo conhecedor das normas, regulamentos, regimentos, regras e acordos firmados. Evitando desta maneira que sejam tomadas diferentes direções em sua prática pedagógica e, desta forma, buscar sempre clareza nas ações propostas.

É necessário um trabalho conjunto, escola, pais, comunidade, pois a falta de limites das crianças se não tiver uma intervenção, pode evoluir para um problema maior que com certeza irá prejudicar a formação do indivíduo e afetará todo um conjunto.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do presente estudo demonstra a dificuldade que o professor enfrenta com a falta de limites na sala de aula. Este é um problema que cria um grande obstáculo para a aprendizagem.

Diversos fatores podem estar relacionados ao crescimento deste problema em nossas escolas, e como sabemos, a criança é primeiramente formada dentro da família, e depois chega à escola com um perfil, moldado na forma e maneiras que foi criada.

Os pais, ingressados muitas vezes em excesso no mercado de trabalho, por necessidades financeiras e outros preocupados em dar conforto, e melhor formação escolar para os filhos, se encontram de certa forma despreparados no que diz respeito a impor limites aos filhos. As crianças reinam no lar, desde o início de sua comunicação com os pais, seja por gestos, ou no início de suas falas, mandam e desmandam, fazem as coisas de sua forma, sem que haja uma orientação ou uma interrupção.

Existem outros fatores dentro da família, que de forma violenta interferem na formação da criança, como a separação dos pais, problemas sociais como alcoolismo, o uso de drogas e muitos outros, que infelizmente irão afetar aquele pequeno indivíduo, que está crescendo e absorvendo todas essas consequências negativas, que levará consigo quando ingressado no ambiente escolar.

Observamos também, a preocupação dos professores em lidar com as crianças que apresentam falta de limites, as respostas direcionam no sentido de diálogo, carinho e firmeza, no qual mostra a necessidade de um trabalho conjunto entre escola e comunidade.

Portanto, concluímos que dificilmente iremos mudar a forma como os pais educam e criam os filhos, até porque há evolução em todos os sentidos, seja tecnológica ou padrões de formação. Cabe ao professor dinamizar e buscar formas democráticas de administrar sob um novo olhar, transmitir confiança que venha favorecer a aprendizagem.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Clebea Lima; FREIRE, Paulo. **Indisciplina na visão psicopedagógica**. 2009. Disponível em: <https://facsapaulo.edu.br/wp-content/uploads/sites/16/2018/05/ed1/8.pdf>. Acesso em: 11 jan. 2019.10:28h.
- ALVES, R. **Alegria de ensinar (a)**. 11. ed. Campinas: Papirus, 2000. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=YhNS9VeylvUC&oi=fnd&pg=PA9&dq=Rubens+Alves+aquele+que+ensina+com+alegria,+que+ama+sua+profiss%C3%A3o+n%C3%A3o+morre+jamais&ots=0TkIXOiLoO&sig=0vhaWMVQ8puSbe6xluALT6LoG8Q#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 05 jan. 2019. 13:32h.
- ALVES, Zélia Maria Mendes Biasoli; CALDANA, Regina Helena Lima. Práticas Educativas. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Ribeirão Preto SP., n. 8, v. 2, p. 231-242, 1992. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/revistaptp/article/view/17135/15658>. Acesso em: 04 jan. 2019.09:30h.
- AQUINO, JulioGroppa. A indisciplina e a escola atual. **Revista Faculdade de Educação**, São Paulo, SP, v. 24, n. 2, p. 181-204, Jul/Dec., 1998. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-25511998000200011&script=sci_arttext. Acesso em: 15 jan. 2019. 21:33h.
- ARAUJO, GreicyBoness de. "**Limites na educação infantil**: as representações sociais de pais e professores." 2007. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre RS., 2007. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/11249>. Acesso em: 07 jan. 2019. 08:35h.
- ARAUJO, GreicyBoness de; SPERB, Tania Mara. Crianças e a construção de limites: narrativas de mães e professoras. **Psicologia em estudo**, Maringá, Pr., v. 14, n. 1, p. 185-194, jan./mar., 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v14n1/a22v14n1>. Acesso em: 08 jan. 2019.09:40h.
- ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro, RJ: LTC, 1981. Disponível em: Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psic/v5n1/v5n1a09.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2019.16:20h.
- AURELIANO, *et al.* A falta de limites na educação dos filhos na atualidade. **Efdeportes.com**, Buenos Aires, 189,1/1, fev., 2014. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd189/a-falta-de-limites-na-educacao-dos-filhos.htm>. Acesso em: 16 jan. 2019. 18:46h.
- BARRÈRE, A.; SEMBEL, N. **Sociologie de l'éducation**. Paris: Nathan, 2002. Disponível em: [file:///C:/Users/Isabella/Downloads/280-924-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Isabella/Downloads/280-924-1-PB%20(1).pdf). Acesso em: 19 jan. 2019. 14:25h.
- BATISTA, Ana Priscila; WEBER, Lidia Natalia Dobriansky. **Interação Professor-Aluno no Ensino Fundamental**: um Panorama de Estudos Nacionais. 2014.

Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pee/v16n2/a13v16n2.pdf>. Acesso em: 24 jan. 2019. 11:34h.

BERMAN, M. **Tudo o que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo SP: Companhia das letras, 1987. Disponível em: https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/33922613/tudo_que_e_solido_se_desmancha_no_ar.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1554510064&Signature=fpX1guXFLoyKKGtIebJtxdxP%2Fy0%3D&response-content-18;56r.pdf. Acesso em: 14 jan. 2019. 14:30h.

BIASOLI, Z. M. M. Alves; CALDANA, R. H. L.; SILVA, M. H. G. F. Dias da. Famílias e práticas de educação da criança e do adolescente. **Resumos da XVIII Reunião Anual de Psicologia95**, Sociedade Brasileira de Psicologia, Ribeirão Preto, SP., 1998. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v6n2/v6n2a02.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2019. 18:45h.

BIASOLI, Z. M. M. Alves. **Família e socialização: processos, modelos e momentos**. 1995. Dissertação - Universidade de São Paulo. São Paulo, SP. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v6n2/v6n2a02.pdf>. Acesso em: 17 jan. 2019. 09:10h.

BRAMBATTI, Fabiana Fagundes. A importância da família na educação de seus filhos com dificuldades de aprendizagem escolar sob a ótica da psicopedagogia. **Rev. Educ. do Ideau Instituto de Desenvolvimento Educacional do Alto Uruguai-IDEAU**, Porto Alegre, v. 5, n. 10, p. 1-16, jun. 2010. Disponível em: https://www.ideau.com.br/getulio/restrito/upload/revistasartigos/201_1.pdf. Acesso em: 11 jan. 2019. 07:35h.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9.394/96. **DOU**, São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, Seção I, p. 27839, 23 dez., 1996. Disponível em: http://www.perspectivasustentavel.com.br/pdf/educacao/08_LEI_5692_1971.pdf. Acesso em: 19 jan. 2019. 20:12h.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998. v. 1, 2, 3. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume3.pdf>. Acesso em: 03 jan. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Portal da Educação Integral. **Educação Integral**. Disponível em: <http://educacaointegral.mec.gov.br/educacao-infantil>. Acesso em: 05 jan. 2019. 17:28h.

CALDANA, R. H. L. **Família, mulher e filhos-Três momentos numa revista católica brasileira (1935 a 1988)**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos SP, 1991. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v3n1/v3n1a10.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2019. 22:15h.

CALDANA, Regina Helena. **A educação de filhos em camadas médias: transformações no ideário e orientação de pais.** 1995. 13 f. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto SP. 1995. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v3n1/v3n1a10.pdf>. Acesso em: 06 jan. 2019. 08:15h.

CALDANA, Regina Helena Lima. A criança e sua educação na família no início do século: autoridade, limites e cotidiano. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto. SP, v. 6, n. 2, p. 87-103, 1998. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v6n2/v6n2a02.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2019. 18:40h.

CARDELLI, C. T. **Como estabelecer limites sem passar dos limites na infância e adolescência.** Tese de pós graduação – Universidade Candido Mendes, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <http://www.avm.edu.br/monopdf/4/CATHARINA%20TEIXEIRA%20CARDELLI.pdf>. Acesso em: 17 jan. 2019. 09:30h.

CARVALHO, Rodrigo Saballa de. Análise do discurso das diretrizes curriculares nacionais de educação infantil: currículo como campo de disputas. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 38, n. 3, p. 466-476, set/dez. 2015. Disponível em: <file:///C:/Users/Isabella/Downloads/11463-42431-1-PB.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2019. 11:23h.

CHRISPINO, R.S.P. **Políticas Educacionais de Redução da Violência: Medicação do Conflito Escolar.** São Paulo: Biruta, 2002. Disponível em: [file:///C:/Users/Isabella/Downloads/280-924-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Isabella/Downloads/280-924-1-PB%20(1).pdf). Acesso em: 19 jan. 2019. 14:25h.

CORALINA, C. **Vintém de Cobre: Meias Confissões de Aninha.** 10. ed. Goiânia GO: Ed. da Universidade Federal de Goiás, 1984. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v3n1/v3n1a10.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2019. 22:15h.

CORREIA, J. A.; MATOS, M. Da crise da educação ao escolocentrismo. In: STOER, R. S.; CORTESÃO, L.; CORREIA, J. A. (Orgs.). **Transnacionalização da educação.** Porto: Ed. Afrontamento, 2001. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaedufoco/files/2011/05/Artigo-04-15.1.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2019. 10:15h.

CYTRYNOWICZ, Maria Beatriz. **Ideia de que tudo pode é prejudicial às crianças.** 2018. Disponível em: <https://universa.uol.com.br/noticias/agencia-estado/2018/06/02/ideia-de-que-tudo-pode-e-prejudicial-as-criancas.htm>: Acesso em: 06 jan. 2019. 10:24h.

DARLING, N.; STEINBERG, L. ParentngStyle as context: na integrativemodel. **Psychological Bulletin**, 113(2), 487-496, 1993. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pee/v16n2/a13v16n2.pdf>. Acesso em: 24 jan. 2019. 11:34h.

DEVRIES, Rheta; ZAN, Betty. **A ética na educação infantil: o ambiente sócio-moral na escola.** Porto Alegre: Artmed, 2018. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=72BjDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA1&dq=Devries+e+zam+%C3%A9tica+na>

[+educa%C3%A7%C3%A3o+infantil+1998&ots=wMtNau7BAj&sig=9mR37oH2jMsPuKzhlpMVY9mPII#v=onepage&q=Devries%20e%20zam%20%C3%A9tica%20na%20educa%C3%A7%C3%A3o%20infantil%201998&f=false](#) . Acesso em: 07 jan. 2019. 14:36h.

DIAS, Alves Adelaide. **Educação Moral e Autonomia na Educação Infantil**: o que pensam os professores. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/prc/v18n3/a11v18n3.pdf> . Acesso em: 21 jan. 2019. 10:41h.

DOLTO, Françoise. Reflexões sobre a adoção. *In.*: DOLTO, F. **Os caminhos da educação**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.p. 231-246. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/11249/000611117.pdf?sequence=1&isAllowed=y> . Acesso em: 06 jan. 2019. 11:35h.

ESTRELA, Maria Teresa. Modelos de formação de professores e seus pressupostos conceituais. **Revista de Educação**, v. 11, n. 1, p. 17-29, 2002. Disponível em: http://www.janehaddad.com.br/new/arquivos/Entre_os_Muros_da_Escola.Indisciplina....pdf. Acesso em: 21 jan. 2019. 08:43h.

FERRARI, Ilka Franco. O mal-estar do professor frente à violência do aluno. **Revista Subjetividades**, v. 5, n. 2, p. 261-280, 2005. Disponível em: <https://periodicos.unifor.br/rmes/article/view/1528>. Acesso em: 19 jan. 2019. 08:42h.

FIGUEIRA, Sérvulo A. Modernização da família e desorientação: uma das raízes do psicologismo no Brasil. **Cultura da psicanálise**, São Paulo, p. 142-146, 1985. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v6n2/v6n2a02.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2019. 18:40h.

FIGUEIRA, Sérvulo A. O “moderno” e o “arcaico” na nova família brasileira: notas sobre a dimensão invisível da mudança social. **Uma nova família**, p. 11-30, 1987. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v6n2/v6n2a02.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2019. 18:40h.

FONTES, Ana Maria Moraes. Violência nas escolas: a crise da autoridade. **Revista Educação em foco**, v. 15, n. 1, p. 77-85, 2010. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaedufoco/files/2011/05/Artigo-04-15.1.pdf>. Acesso em: 20 jan.2019. 10:15h.

FRANZOLOSO, M. Existe indisciplina na educação infantil. *In.*: **X Congresso Nacional de Educação–EDUCERE**, Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, v.7, 2011. Disponível em: http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2011/5828_2592.pdf. Acesso em: 14 jan. 2019. 11:20h.

GAGNEBIN, J. M. Baudelaire, Benjamin e o moderno. **Folha de São Paulo**, São Paulo, G4 Caderno de Letras, 07 out. 1989. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v6n2/v6n2a02.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2019. 18:40h.

GARCIA, Joe. Entre os muros da escola: indisciplina e formação de professores. *In: Congresso Nacional de Educação–Educere*, p. 7713-7723, 2009. Disponível em: http://www.janehaddad.com.br/new/arquivos/Entre_os_Muros_da_Escola.Indisciplina....pdf. Acesso em: 21 jan. 2019. 08:43h.

GIKOVATE, F. A educação dos filhos nos tempos atuais. *Revista Claudia*, São Paulo, 29 (334), p.182, jul. 1989. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v3n1/v3n1a10.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2019. 22:15h.

GOMES, Candido Alberto; PEREIRA, Marlene Monteiro. A formação do professor em face das violências das/nas escolas. *Cadernos de Pesquisa*, v. 39, n. 136, p. 201-224, 2013. Disponível em: [file:///C:/Users/Isabella/Downloads/280-924-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Isabella/Downloads/280-924-1-PB%20(1).pdf). Acesso em: 19 jan. 2019. 14:25h.

GURGEL, Thais; MOÇO, Anderson. Como se resolve a indisciplina. *Nova Escola*, São Paulo, 2009. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_unioeste_ped_artigo_flavio_luis_gomes_de_oliveira.pdf. Acesso em: 21 jan. 2019. 13:18h.

HITO, Clarice Furini Cascardo. **Limites**: problemática na escola. 2012. Disponível em: http://facos.edu.br/publicacoes/revistas/trajetoria_multicursos/agosto_2012/pdf/limites_-_problematica_na_escola.pdf. Acesso em: 18 jan. 2019. 07:12h.

HOLANDA, Aurélio B. 2. ed. **Dicionário**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

KEHL, Maria Rita. Quem tem moral com os adolescentes?: Duas hipóteses sobre a crise na educação no século XXI. *In: Proceedings of the 4. Colóquio do LEPSI IP/FE-USP*. 2002. Disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000032002000400034&script=sci_arttext&lng=pt. Acesso em: 12 jan. 2019. 15:50h.

KEHL, Maria Rita. A juventude como sintoma da cultura. *Outro Olhar*, v. 5, n. 6, p. 44-55, 2007. Disponível em: http://files.cacoifbavca.webnode.com/200000606-18aaf19a42/kehl_juv%20sintoma.pdf#page=43. Acesso em: 05 jan. 2019. 15:10h.

LA TAILLE, Y. de. **Limites**: três dimensões educacionais. São Paulo: Àtica, 1999. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/11249/000611117.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 06 jan. 2019. 10:18h.

LA TAILLE, Y de. **Limites**: três Dimensões Educacionais. 3. ed. São Paulo: Àtica, 2002. Disponível em: <https://www.univates.br/bdu/handle/10737/849>. Acesso em 05 jan. 2019.17:30h.

LA TAILLE, Yves de; OLIVEIRA, Martha Kohl de; DANTAS, Heloysa. **Piaget, Vygotsky, Wallon**: Teorias psicogenéticas em discussão. 14. ed. São Paulo: Summus, 1992. Disponível em:

<http://docs.uninove.br/arte/fac/publicacoes/pdf/v4-n1-2013/Tagides.pdf> . Acesso em: 05 jan. 2019. 11:17h.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2005.

MELLO, Tágides; RUBIO, Juliana de Alcântara Silveira. A importância da Afetividade na Relação Professor/Aluno no Processo de Ensino Aprendizagem na Educação Infantil. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**, São Roque, v. 4, n. 1, 2013. Disponível em: <http://docs.uninove.br/arte/fac/publicacoes/pdf/v4-n1-2013/Tagides.pdf>. Acesso em: 04 jan. 2019. 16:46h.

MORAIS, Cleusa. **O lugar do afeto na alfabetização**. 45f. Monografia - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUI, IJUÍ, 2015. Disponível em: <http://bibliodigital.unijui.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/3614/TCC%20CLEUSA%20FINAL.pdf?sequence=1>. Acesso em: 18 jan. 2019. 12:48h.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001. Disponível em: [file:///C:/Users/Isabella/Downloads/300-321-1-PB%20\(4\).pdf](file:///C:/Users/Isabella/Downloads/300-321-1-PB%20(4).pdf) . Acesso em: 04 jan. 2019. 09:20h.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011. Disponível em: [file:///C:/Users/Isabella/Downloads/300-321-1-PB%20\(4\).pdf](file:///C:/Users/Isabella/Downloads/300-321-1-PB%20(4).pdf). Acesso em: 04 jan. 2019. 09:20h.

NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. Mal-estar na família: descontinuidade e conflito entre sistemas simbólicos. **Cultura da psicanálise**, São Paulo, Brasiliense, p. 25-39, 1985. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v6n2/v6n2a02.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2019. 18:40h.

NICOLACI-DA-COSTA, A. M. O processo de modernização da sociedade e seus efeitos sobre a família contemporânea. **Anais da XVIII Reunião Anual de Psicologia**, Ribeirão Preto SP, 101-107, 1988. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v6n2/v6n2a02.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2019. 13:40h.

NOGUEIRA, Oracy. **Família e comunidade**: um estudo sociológico de Itapetininga. Brasília: Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, Ministério da Educação e Cultura, 1962. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v6n2/v6n2a02.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2019. 18:40h.

NÓVOA, António *et al.* O passado e o presente dos professores. **Profissão professor**, v. 2, p. 13-34, 1995. Disponível em: [file:///C:/Users/Isabella/Downloads/300-321-1-PB%20\(4\).pdf](file:///C:/Users/Isabella/Downloads/300-321-1-PB%20(4).pdf). Acesso em: 04 jan. 2019. 11:10h.

OLIVEIRA, Flávio Luis Gomes de; FAVERO, Eveline. **Indisciplina Escolar**: Possibilidades de Intervenções na Prática Pedagógica. 2014. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospe/pdebusca/producoes_pd

[e/2014/2014_unioeste_ped_artigo_flavio_luis_gomes_de_oliveira.pdf](#). Acesso em: 21 jan. 2019. 13:18h.

OLIVEIRA, T. T.; CALDANA, R. H. Mães psicólogas ou psicólogas mães: vicissitudes na educação dos filhos. **Estudos de Psicologia**, 9(3), 585-593, 2004. Disponível em :<http://www.scielo.br/pdf/pe/v14n1/a22v14n1.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2019.14:48h.

PAGGI, Karina Preisig; GUARESCHI, Pedrinho A. **O desafio dos limites**: um enfoque psicossocial na educação dos filhos. Rio de Janeiro: Vozes, 2004. Disponível em :<http://www.scielo.br/pdf/pe/v14n1/a22v14n1>. Acesso em: 16 jan. 2019. 08:15h.

PALHARES, Isabela. '**Ideia de que tudo pode é prejudicial às crianças**'. São Paulo: [s.n.], 2018. Disponível em: <https://universa.uol.com.br/noticias/agencia-estado/2018/06/02/ideia-de-que-tudo-pode-e-prejudicial-as-criancas.htm>. Acesso em: 06 jan. 2019. 10:24h.

PARRAT-DAYAN, S. **Como enfrentar a indisciplina na escola**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008. 144 p. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=XsbnAwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT5&dq=PARRAT-DAYAN,+S.+Como+enfrentar+a+indisciplina+na+escola.+&ots=2NtD-Y8k-d&sig=GOZ9guEg3e1gSWP_wveN9wJ3CEo#v=onepage&q=PARRAT-DAYAN%2C%20S.%20Como%20enfrentar%20a%20indisciplina%20na%20escola.&f=false. Acesso em: 21 jan. 2019. 19:37h.

PARRAT-DAYAN, Silvia. **Como enfrentar a indisciplina na escola**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=XsbnAwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT5&dq=A+maioria+dos+docentes+n%C3%A3o+sabem+como+enfrentar+a+indisciplina+ou+como+lidar+com+a+falta+de+limites+Parrat+2012&ots=2NtD-Y5l_k&sig=q-lZrjaukfPBVeb-4BSn-aBt1JQ#v=onepage&q=A%20maioria%20dos%20docentes%20n%C3%A3o%20sabem%20como%20enfrentar%20a%20indisciplina%20ou%20como%20lidar%20com%20a%20falta%20de%20limites%20Parrat%202012&f=false. Acesso em: 20 jan. 2019. 14:30h.

PAULA, S. R. de; FARIA, M. A. Afetividade na aprendizagem. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**, v. 1, n. 1, 2010. Disponível em: <http://docs.uninove.br/arte/fac/publicacoes/pdfs/sandra.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2019. 12:45h.

PAULA, Sandra Regina de; FARIA, Moacir Alves de. Afetividade na Aprendizagem. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**, São Roque, UNINOVE, v. 1, n. 1, p. 1,9, 2010. Disponível em: <http://docs.uninove.br/arte/fac/publicacoes/pdfs/sandra.pdf> . Acesso em: 05 fev. 2019. 21:40h.

PEDAGÓGICA. 45p. Dissertação de Pós Graduação. Universidade Cândido Mendes, São Luís, 2016. Disponível em: avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/posdistancia/31960.pdf. Acesso em: 20 jan. 2019. 14:33h.

PIAGET, Jean. **The moral development of the child**. London: Kegan Paul, 1932.

Disponível em:

<https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=72BjDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA1&dq=Devries+e+zam+%C3%A9tica+na+educa%C3%A7%C3%A3o+infantil+1998&ots=wMtNau7BAj&sig=9mR37oH2jMsPuKzhhlpMVY9mPll#v=onepage&q=Devries%20e%20zam%20%C3%A9tica%20na%20educa%C3%A7%C3%A3o%20infantil%201998&f=false> . Acesso em: 31 jan. 2019. 14:18h.

PIAGET, Jean. **La construcción de lo real en el niño**. 1965. Disponível em:

<https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=72BjDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA1&dq=Devries+e+zam+%C3%A9tica+na+educa%C3%A7%C3%A3o+infantil+1998&ots=wMtNau7BAj&sig=9mR37oH2jMsPuKzhhlpMVY9mPll#v=onepage&q=Devries%20e%20zam%20%C3%A9tica%20na%20educa%C3%A7%C3%A3o%20infantil%201998&f=false>. Acesso em: 07 jan. 2019. 12:18h.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança**: imitação, jogo, sonho, imagem e representação. 2. ed. Rio de Janeiro; Zahar, 1975. Disponível em:

http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/16026_7437.pdf . Acesso em: 22 jan. 2019. 07:23h.

PIAGET, J. *et al.* **Abstração reflexionante**: Relações lógico-elementares e ordem das relações espaciais. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. Disponível em:

<http://docs.uninove.br/arte/fac/publicacoes/pdf/v4-n1-2013/Tagides.pdf> . Acesso em: 05 jan. 2019. 11:17h.

PRISZKULNIK, Léia. **PSIC - Revista de Psicologia**, Vetor Edit., v. 5, n.1, 2004.

Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psic/v5n1/v5n1a09.pdf> . Acesso em: 05 jan. 2019. 16:20h.

RECUSANI, Monica. **Tutores**: Educação Multidisciplinar: O Vínculo Afetivo entre o Professor e seu Aluno no Processo Ensino e Aprendizagem. 2018. Disponível em:

<https://tutores.com.br/blog/o-vinculo-afetivo-entre-o-professor-e-seu-aluno-no-processo-ensino-e-aprendizagem/> . Acesso em: 10 jan. 2019. 09:24h.

REGO, T. C. R. **A indisciplina e o processo educativo**: uma análise na perspectiva vygotskiana. Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas. 13. ed. São Paulo: Summus, 1996. Disponível em:

<https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=HmoRkcRLzqIC&oi=fnd&pg=PA83&dq=REGO,+Teresa+Cristina+R.+A+indisciplina+e+o+processo+educativo:&ots=lpnF6RQdkM&sig=AKyUHSSrXbf6d-yiUIHUJalxWw#v=onepage&q=REGO%20Teresa%20Cristina%20R.%20A%20indisciplina%20e%20o%20processo%20educativo%3A&f=false>. Acesso em: 01 fev. 2019. 08:30h.

RIBAS, MarináHolzmann; CARVALHO, Marlene Araújo de; SCHIDT, Leide Mara. A disciplina na sala de aula: educação ou repressão. *In*: D'ANTOLA, Arlete. **Disciplina na escola**: autoridade versus autoritarismo. Disponível em:

http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/16026_7437.pdf. Acesso em: 22 jan. 2019. 07:23h.

RIBEIRO, Ivete; RIBEIRO, Ana Clara Torres. **Família e desafios na sociedade brasileira**: valores como um ângulo de análise. Centro João XXIII, 1993. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v6n2/v6n2a02.pdf>. Acesso em: 19 jan. 2019. 16:22h.

RICORDI, Jéssica da Costa. **Educação da Infância**. 2015. Disponível em: http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/16026_7437.pdf. Acesso em: 22 jan. 2019. 07:23h.

ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. Transmissão geracional e família na contemporaneidade. **Família e gerações**, Rio de Janeiro, FGV, p. 93-106, 2006. Disponível em: <file:///C:/Users/Isabella/Downloads/3160-13817-2-PB.pdf>. Acesso em: 05 fev. 2019. 21:10h.

RODRIGUES, Daniela Guresk; SAHEB, Daniela. A concepção dos professores e educadores de educação infantil sobre os saberes de Morin: Ensinar a condição humana. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, 2015. Disponível em: [file:///C:/Users/Isabella/Downloads/300-321-1-PB%20\(4\).pdf](file:///C:/Users/Isabella/Downloads/300-321-1-PB%20(4).pdf) . Acesso em: 04 jan. 2019. 09:20h.

ROMANELLI, Geraldo. **Famílias de camadas médias: a trajetória da modernidade**. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado)–Universidade de São Paulo, São Paulo, 1987. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v6n2/v6n2a02.pdf> .Acesso em: 05 jan. 2019. 18:40h.

ROZA, Rafael Loureiro da; SILVA, Luis Florentino. Indisciplina Escolar nos Anos Iniciais. **Nativa-Revista de Ciências Sociais do Norte de Mato Grosso**, v. 1, n. 2, 2014. Disponível em: <http://revistanativa.com/index.php/revistanativa/article/view/178>. Acesso em: 10 jan. 2019. 08:25h.

SÁ, Robinson Gomes de. Indisciplina na Escola: Educação e Pedagogia. **Revista Eletrônica Infoescola**, 2014. Disponível em: <https://www.infoescola.com/pedagogia/indisciplina-na-escola/>. Acesso em: 03 jan. 2019. 08:40h.

SANTOS, A. P. dos, *et al.* **Infância e Educação Infantil**. 6. ed. Campinas: Papyrus, 1999. (Prática Pedagógica). Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=eVUOFDsWHF0C&oi=fnd&pg=PA13&dq=SANTOS,+Adriana+Pereira+dos%3B+LEONOR,+Maria+Filomena+Fernandes.+Inf%C3%A2ncia+e+Educa%C3%A7%C3%A3o+Infantil.+1999&ots=2g3QKybKMX&sig=sL4uQ7QKEa5hmUR3JX3mZv4Ctik#v=onepage&q=SANTOS%2C%20Adriana%20Pereira%20dos%3B%20LEONOR%2C%20Maria%20Filomena%20Fernandes.%20Inf%C3%A2ncia%20e%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20Infantil.%201999&f=false>. Acesso em: 12 jan. 2019. 10:15h.

SERRANTE, Ilma A. F. **Guia de normas básicas para apresentação de trabalhos acadêmicos e capa institucionalizada**. Faculdade de Apucarana, Apucarana, Pr., 2018. Disponível em: <http://www.cesuap.edu.br/normas-para-trabalhos/>. Acesso em: 20 dez. 2018.

SILVA, M. H. G. D. F. "A educação dos filhos pequenos nos últimos 50 anos: a busca do melhor?." 273p. Dissertação de Mestrado – IP/USP, São Paulo SP, 1986. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v6n2/v6n2a02.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2019. 18:40h.

SILVA, Thaís Thomé Seni da; CALDANA, Oliveira Regina Helena Lima. Mães psicólogas ou psicólogas mães: vicissitudes na educação dos filhos. **Estudos de Psicologia**, Ribeirão Preto SP, v. 9, n. 3, p. 585-593, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/epsic/v9n3/a21v09n3.pdf>. Acesso em: 08 jan. 2019. 16:22h.

SNYDERS, Georges; LIMA, Emílio Campos. **Não é fácil amar os nossos filhos**. 1984. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v3n1/v3n1a10.pdf> . Acesso em: 06 jan. 2019. 08:15h.

SOUZA, Mariana Nolasco de. Sua majestade: a criança contemporânea e o desafio dos limites. **Contemporânea**, Porto Alegre, n. 08, p. 148-163, jul./dez. 2009. Disponível em : <https://www.univates.br/bdu/handle/10737/849> . Acesso em: 05 jan. 2019. 14:48h.

SPAZZAPAN, Lucia H. **Complexidade da relação pais e filhos na atualidade**. 2017. Disponível em: <https://www.hojemais.com.br/andradina/noticia/geral/complexidade-da-relacao-pais-e-filhos-na-atualidade> . Acesso em: 10 jan. 2019. 11:48h.

SPECHT, M. T. **Limites na Educação dos Filhos**: O que dizem os livros de auto ajuda aos pais? 58f. Trabalho de Conclusão de Curso II - Centro Universitário UNIVATES, Lajeado RS, 2015. Disponível em: <https://www.univates.br/bdu/handle/10737/849>. Acesso em: 05 jan. 2019. 14:30h.

STENGEL, Márcia. O exercício da autoridade em famílias com filhos adolescentes. **Psicologia em revista**, Belo Horizonte, v. 17, n. 3, p. 502-521, dez., 2011. Disponível em: <file:///C:/Users/Isabella/Downloads/3160-13817-2-PB.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2019. 21:10h.

STOLTZ, Tania; MINDAL, Clara Brener; VALENTE, Tamara Silveira. Ministério da Educação. Universidade Federal do Paraná. **Psicologia da Educação**, Curitiba, 2010. Disponível em: http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/16026_7437.pdf. Acesso em: 22 jan. 2019. 07:23h.

TIZIO, H. **Reinventar el vínculo educativo**: Aportaciones de la pedagogia social y del Psicoanálisis. Barcelona, España: Gedisa, 2003. Disponível em: [file:///C:/Users/Isabella/Downloads/1528-14830-1-PB%20\(3\).pdf](file:///C:/Users/Isabella/Downloads/1528-14830-1-PB%20(3).pdf). Acesso em: 19 jan. 2019. 11:15h.

- VELHO, G. A busca de coerência: coexistência entre códigos em camadas médias urbanas. *In.*: FIGUEIRA, S. A. (Org.). **Cultura de psicanálise**. São Paulo: Brasiliense, 1985. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v6n2/v6n2a02.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2019. 18:40h.
- VIEIRA, Maria Clara. Educação Infantil: O que seu filho leva para a vida toda. **Revista Crescer**, 2017. Disponível em [:https://revistacrescer.globo.com/Crianças/Escola/noticia/2017/01/educacao-infantil-o-que-seu-filho-leva-para-vida-toda-2.html](https://revistacrescer.globo.com/Crianças/Escola/noticia/2017/01/educacao-infantil-o-que-seu-filho-leva-para-vida-toda-2.html) . Acesso em: 08 jan. 2019. 11:18h.
- VIGOTSKY, L. S. **Psicologia Pedagógica**. 3. ed. São Paulo: M. Fontes, 2010. Disponível em: http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/16026_7437.pdf. Acesso em: 22 jan. 2019. 07:23h.
- VINHA, T. P. O educador e a moralidade infantil numa perspectiva construtivista. **Revista de Educação do Cogeime**, Campinas SP, ano 8, v. 14, p. 15-38, jul., 1999. Disponível em: <file:///C:/Users/Isabella/Downloads/506-1828-1-PB.pdf>. Acesso em: 07 jan. 2019. 14:36h.
- VIVALDI, F. Portal FAEL. **Regras morais e convencionais: qual a diferença?** 2015. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospe/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_unioeste_ped_artigo_flavio_luis_gomes_de_oliveira.pdf. Acesso em: 16 jan. 2019. 11:15h.
- WAGNER, A.; PREDEBON, J.; FALCKE, D. **Como se perpetua a família**: Transgeracionalidade e educação: como se perpetua a família. Porto Alegre: Edipucrs, 2005. p. 93-105. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=ElrXCAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA93&dq=WAGNER,+A%3B+PREDEBON,+J%3B+FALCKE,+D.&ots=Mxsa3zsb8o&sig=AJDS_9EfDmVfxp-xdmywRMdnO4#v=onepage&q&f=false .Acesso em: 08 jan. 2019. 13:18h.
- WALLON, H. **A evolução psicológica da criança**. Lisboa: Ed. 70, 1995. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psie/n20/v20a02.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2019. 20:14h.
- WHITE, Ellen G. **A ciência do bom viver** . São Paulo: [s.n.], 2008. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd189/a-falta-de-limites-na-educacao-dos-filhos.htm>. Acesso em: 17 jan. 2019. 21:28h.
- WHITE, Ellen G. **Orientação da Criança**. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 2014. Disponível em: <http://www.centrowhite.org.br/files/ebooks/egw/Orienta%C3%83%C2%A7%C3%83%C2%A3o%20da%20Crian%C3%83%C2%A7a.pdf>. Acesso em: 16 jan. 2019. 16:20h.
- ZAGURY, Tania. **Sem padecer no paraíso**: em defesa dos pais ou sobre a tirania dos filhos. [S.l.]: Record, 1997. Disponível em: <http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=ADOLEC&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=297672&indexSearch=ID>. Acesso em: 17 jan. 2019. 11:45h.

ZAGURY, Tania. É preciso dizer não. **Revista Nova Escola**, 2000. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/910/tania-zagury-e-preciso-dizer-nao>. Acesso em: 17 jan. 2019. 13:05h.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Instrumento de pesquisa para os professores

QUESTIONÁRIO

Prezado(a) professor(a)

Estamos realizando uma pesquisa sobre “A Importância do Limite na Educação Infantil” como parte da conclusão do Curso de Pedagogia da Faculdade de Apucarana – FAP, para uma melhor compreensão das atitudes e comportamentos dos alunos, baseando-se na falta de limite e as possíveis intervenções em sala de aula. Convidamos para participar da pesquisa, respondendo as questões que seguem. Contamos com a sua colaboração.

Obrigada.

1) Formação:

- Graduação em Pedagogia
- Graduação em outra área, especifique: _____
- Pós-Graduação/Especialização

2) Tempo de atuação em sala de aula com Educação Infantil?

3) Como trabalhar a falta de limites na Educação Infantil?

4) Quais as causas para a falta de limites na Educação Infantil atualmente?

- Ausência dos pais na educação dos filhos
- Super proteção dos pais
- Falta de regras provenientes dos pais
- Alunos com reflexos de diversos problemas familiares
- Problema neurológico/psicológico

5) Ao delinear as regras de limites para os alunos, as faz:

- Pela coação
- Pelo diálogo
- Pelo reforço positivo
- Com firmeza
- Entende que não são importantes para o aluno

6) Tem dificuldades em fazer seus alunos cumprirem as regras e normas?

- Sempre
- Às vezes
- Nunca

8) Sua metodologia de trabalho incentiva a construção de limites dos alunos para manter a disciplina na sala de aula?

- Sim
- Não
- Talvez

9) Procura trabalhar a auto-estima do aluno para que respeite os limites do professor e os limites dos colegas? Por meio de:

- Ludicidade
- Afetividade
- Reforço positivo em relação ao comportamento
- Elogio à atividades feitas

10) Em caso da turma estar agitada em sala de aula, quais atividades considera importante?

- Jogos com regras
- Brincadeiras
- Dinâmicas que proporcionam atenção e respeito

11) Em sua escola há um orientador pedagógico que trabalha todo o coletivo escolar, falando a mesma língua trabalhando juntos nas normas, regulamentos e regimentos, que possam contribuir para solucionar a questão da falta de limites dos alunos?

- Sim
- Não

Quais suas ações?

APÊNDICE B - Questionário de sondagem para os professores

QUESTIONÁRIO DE SONDAÇÃO PARA OS PROFESSORES

Eu, Josiane Maria Martins de Melo Camargo, RG. 036.533.149-09, aluna do Curso de Pedagogia da Faculdade de Apucarana – FAP, solicito que participe da minha pesquisa intitulada “A importância do limite na Educação Infantil”, como parte do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Assim, conto com você professor(a) para responder as questões abaixo, pois elas são importantes para o esclarecimento da pesquisa. Este questionário será de grande contribuição para o desenvolvimento da pesquisa.

ANEXO

ANEXO A - Termo de autorização institucional

Apucarana.....

À:

A/C:

Eu, XXXXXXXXXXXXXXX, acadêmica do Curso de Pedagogia da Faculdade de Apucarana (FAP), tendo como requisito, apresentar o Trabalho de Curso (TC) com o seguinte tema: XX.

Assim, venho por meio deste, solicitar a permissão para realizar esta pesquisa que tem por objetivo:XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX
XX

O estudo será realizado através da aplicação de questionário com os alunos, onde poderemos obter as informações que se fizerem necessárias.

A participação será voluntária e/ou poderá retirar seu consentimento a qualquer momento. Pela participação no estudo, a Instituição e o entrevistado não se responsabilizarão por quaisquer ônus, bem como não será ofertado qualquer bônus. Esclareço que os dados da pesquisa são para objetivo único de estudo.

Certo de poder contar com vossa colaboração, antecipo agradecimento.

Atenciosamente,

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Acadêmica Pesquisadora Responsável

Rua: Rua:

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Direção